

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

INSTITUTO DE ARTES

*As Horas Magnificadas: o processo de criação artística*

*Célia Harumi Seki*

Campinas 2003



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS**

**INSTITUTO DE ARTES**

**Mestrado em Multimeios**

***As Horas Magnificadas: o processo de criação artística***

CÉLIA HARUMI SEKI

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado em Multimeios em fevereiro de 2003 do Instituto de Artes da UNICAMP como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Multimeios sob a orientação do Prof. Dr. Fernando Passos.

Campinas 2003

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA  
BIBLIOTECA CENTRAL DA UNICAMP

Se47h

Seki, Célia Harumi  
As horas magnificadas: o processo de criação artística/  
Célia Harumi Seki. – Campinas, SP : [s.n.], 2003.

Orientador: Passos, Antonio Fernando da Conceição.  
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de  
Campinas, Instituto de Artes.

1. Cinema e literatura. 2. Criação (Literária, artística, etc.)  
3. Roteiros cinematográficos. 4. Gravações de vídeo –  
Produção e Direção. I. Passos, Antonio Fernando da  
Conceição. II. Universidade Estadual de Campinas.  
Instituto de Artes. III. Título.

Ao meu pai



**Agradecimentos:** Tenho tanto a agradecer... àquelas que sempre olham por mim: minha mãe e Bela Feldman-Bianco; àquelas que sempre me acompanham: Alessandra Brum, Joana Cunha, Daniela Kuhn; às 5013Libélulas: Érica Casado Rodrigues, Bianca Fanelli Morganti e Cristina Astolfi Carvalho; aos meus amigos: Rodrigo Martins, Pedro Peixoto, Marcelo Braga, Roberto Feio, Pedro Furtado, Armando Sato Turtelli, Flávia Recabarren de Castro, Guilherme Campos. Agradeço à Beatriz Frade, Gustavo da Palma e Bruno Bernasconi por acreditarem e mais do que isso personificarem aquilo que sonhei. À equipe de filmagem, meus amigos em horas de diversão, mas totalmente sérios e profissionais durante o projeto. Ao Instituto de Artes, ao Departamento de Multimeios e ao Centro de Estudos de Migrações Internacionais (CEMI). Agradeço a estes e a tantos outros que me ofereceram possibilidades, incentivo, apoio, suporte ou, simplesmente companhia. Ao Fernando Passos, mais que meu orientador, meu amigo.

Não posso me esquecer de agradecer também àqueles que me querem mal, ou cujas relações comigo estão ligadas à tristeza... "porque tudo tem um balanço".



## Resumo

A presente dissertação, vinculada à Linha de Pesquisa Literatura e Audiovisual, tem o objetivo de (re)criar, no suporte vídeo, o conto ***As Horas Magnificadas*** do escritor português contemporâneo Urbano Tavares Rodrigues, bem como de registrar este processo de criação. As reflexões apresentadas abrangem o campo das relações entre a obra poética em literatura, a sua (re)criação no caráter singular (único e pessoal) do processo de leitura e as questões referentes à sua (re)criação em uma arte eminentemente temporal, apoiada em som e imagem.



## índice

introdução .....	15
advertência .....	21
primeira tentativa .....	26
aquilo que se lembra .....	40
aquilo que pode ser lembrado .....	50
as Horas Magnificadas .....	70
folhas de árvore contra o céu .....	76
a curva da estrada .....	88
bibliografia .....	107
conto: <b>As Horas Magnificadas</b> .....	111
roteiro do vídeo <b>As Horas Magnificadas</b> .....	124
roteiro do Vídeo <b>Folhas de árvore contra o céu</b> .....	133



## Ilustrações

Sem Título .....	25
Clark Gable .....	34
Cecília .....	39
Manuela e o Espelho .....	44
Manuela e Urbano .....	47
O Monte .....	49
Sem Título .....	69
Folhas de árvore contra o céu .....	75
Eucaliptos .....	78
Manuela .....	83
O Olhar .....	85
A Escada .....	87
Ypê Branco .....	105
Still 1 do vídeo <i>As Horas Magnificadas</i> .....	131
Still 2 do vídeo <i>As Horas Magnificadas</i> .....	132
Still 1 e 2 do vídeo <i>Folhas de árvore contra o céu</i> .....	134
Still 3 e 4 do vídeo <i>Folhas de árvore contra o céu</i> .....	135
Still 5 do vídeo <i>Folhas de árvore contra o céu</i> .....	136



## Introdução

Este texto tem como intenção demonstrar como se constituiu o processo de transcrição artística a partir do conto *As Horas Magnificadas* do escritor português contemporâneo Urbano Tavares Rodrigues, bem como toda base sobre a qual se deu este processo de criação. Para tal feito, pretendo explorar neste espaço alguns pontos que julgo fundamentais, como um *complemento* aos roteiros criados e aos pequenos trechos filmados a partir deste conto.

Antes de prosseguir, porém, gostaria de ressaltar como me é estranho estar escrevendo este texto, porque nele irei tratar sobre meu processo de criação artística e sobre o que acredito ser arte e não há nenhuma forma que conheça de atingir tal objetivo sem falar sobre mim mesma.

Quando comecei a escrever este texto, tentei de todas as formas possíveis fazê-lo sem expor-me e conseqüentemente subir ao banco dos réus. Estava indo contra

a coisa mais importante que aprendi durante este período: sinceridade. O texto estava vazio e cheio de justificativas porque sentia uma obrigação em sua relevância, achava que tinha que escrever coisas brilhantes e dentro dos padrões da fórmula comum. Além disso, a palavra "artista" pareceu-me coerciva. Como poderia eu, falar como uma artista?...

Mas então, o que é um artista senão uma pessoa como as outras, que ao invés de ter um dom (pode-se falar assim?) para patinar no gelo ou ser cientista, o tem para a sensibilidade e para deixá-la aflorar de forma artística? Continuo sim achando que Tarkowski, Bergman e tantos outros artistas estão para mim, "tão longe quanto um bueiro do céu"<sup>1</sup>. Mas eles começaram em algum lugar e acima de tudo acreditaram no que estavam fazendo. Se eu não puder começar aqui, a acreditar verdadeiramente que esse é o caminho que quero seguir e assumir esse objetivo, então o que estou fazendo é oco e sem sentido. Mas eu não sinto assim... O que eu faço tem importância e sentido, e, acima de tudo, não

---

<sup>1</sup> Esta frase se repetirá durante este texto. É uma boa frase, por Flávia Recabarrem de Castro.

poderia ser de outro jeito, por isso posso dizer que acredito verdadeiramente.

Teria eu dito antes, que esse texto e tudo o que a ele é relacionado seria tratado como um processo de aprendizagem mais que de criação artística? Espero que não. Afinal de contas, não estamos sempre aprendendo?

O que escrevo aqui, portanto, mais que um texto formal destinado a uma avaliação que resultará em um título, é algo totalmente subjetivo, singular, único, algo como um diário, onde se registra impressões, sentimentos que querem aflorar, pensamentos, ideais e intenções. E espero, do fundo do coração, que ele seja tão útil e importante aos que o lerem, quanto está sendo para mim.





*Pois meus olhos não cansam de chorar  
Tristezas, que não cansam de cansar-me;  
Pois não abranda o fogo em que abrasar-me  
Pôde quem eu jamais pude abrandar;*

*Não canse o cego Amor de me guiar  
A parte donde não saiba tornar-me;  
Nem deixe o mundo todo de escutar-me,  
Enquanto me a voz fraca não deixar.*

*E, se em montes, [ em ] rios ou em vales  
Piedade mora ou dentro mora o amor  
Em feras, aves, plantas, pedras, águas,*

*Ouçam a longa história de meus males,  
E curem sua dor com a minha dor;  
Que grandes mágoas podem curar mágoas.*

*Luís de Camões<sup>2</sup>*

---

<sup>2</sup> In: *Luís de Camões: Redondilhas, canções, sonetos. Edição Comemorativa do 4º Centenário da Morte do Poeta. Real Gabinete Português, 1980. Rio de Janeiro.*



## Advertência

Durante todo o desenvolvimento desta pesquisa, estive tratando o processo de leitura e elaboração do roteiro e filme a partir do conto, pelo termo *transcrição*. A palavra *transcrição* pareceu-me fantástica, e relacionei-a com uma prática que ultrapassava as fronteiras entre a obra escrita e a obra audiovisual. Acima de tudo, uma palavra que marcava diferença em relação ao termo comum *adaptação*, que sempre me pareceu algo empobrecedor em relação à obra escrita<sup>3</sup> ligado inteiramente à intenção do autor prendendo-se apenas ao que está escrito. Minha intenção principal foi a de (re)criar<sup>4</sup> a partir do texto, utilizando imagens

---

<sup>3</sup> uso a palavra *empobrecedor*, pois ao tentar adaptar as imagens e intenções do autor da obra escrita, as imagens formadas pelos leitores passam de totalmente dissonantes para um objeto concreto, pessoa, paisagem, etc. Quando lemos um texto, a imagem que fazemos de um personagem, por exemplo, não é algo exato, mas vai movendo-se conforme o texto vai dando-nos informações, é algo dissonante, temos a impressão de como seria, mas nunca a exatidão de um objeto concreto.

<sup>4</sup> estou aqui utilizando a idéia do "(re)" emprestada da autora Bela Feldman-Bianco. Os parênteses no prefixo "re" dão uma idéia um pouco diferente do que

próprias, sentimentos pessoais. Agora, que estou no final desta etapa de pesquisa - que se trata do mestrado - e iniciando outra etapa - a do doutorado - creio que seja necessário apontar para a problematização deste termo que me foi sinalizada a partir das contribuições que recebi nesta fase de finalização<sup>5</sup>. Parece-me absolutamente necessário pesquisar a fundo o que consiste este e outros termos semelhantes e quais as ocorrências e contextos em que foram utilizados anteriormente, mas deixo claro que não os desenvolverei aqui, pois por mais que tenha lido a respeito nestes últimos meses (somado à falta de tempo necessário para refletir sobre tudo o que poderia ser refletido), ainda não posso delimitar e defender um deles (teria que escolher entre alguns: transcrição, tradução, transposição, etc) acreditando plenamente e com toda sinceridade, talvez por não ter ainda absorvido as idéias e tendências como uma verdade pessoal, da mesma forma que tenho feito com todos os outros assuntos sobre os quais lançarei meu olhar neste

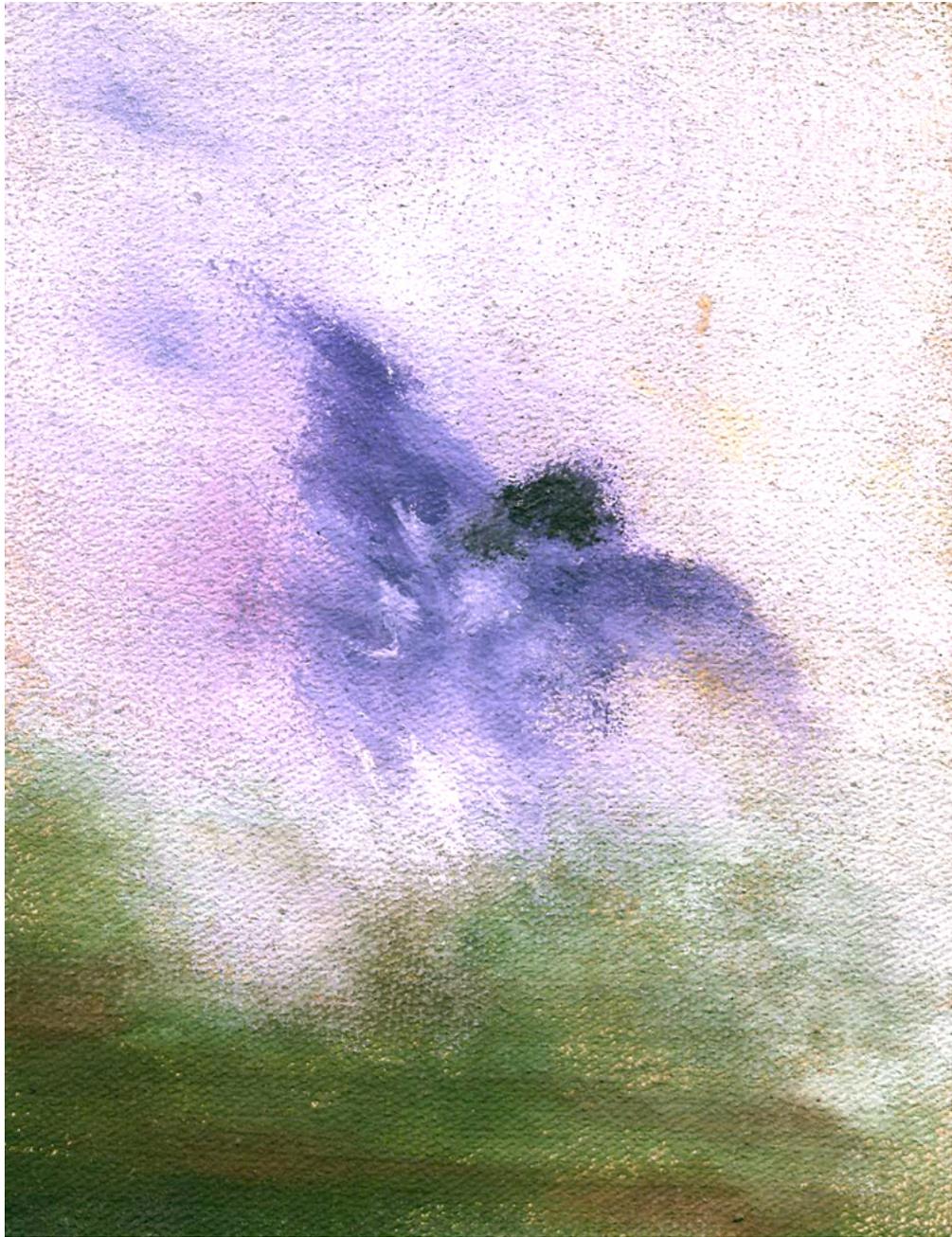
---

seria escrever esta palavra sem nenhum tipo de sinalização. Criar de novo trata-se também de simplesmente criar.

<sup>5</sup> aproveito para agradecer ao Prof. Dr. Milton de Almeida

texto; talvez por estar em pleno curso. Tentarei, porém, explicar o que para mim significa todo o processo de leitura e desenvolvimento de um roteiro e filme a partir dela. Poderia inventar um novo termo, quem sabe ainda possa fazê-lo na próxima etapa que se inicia. Desejem-me sorte.





6

---

<sup>6</sup> imagem de Mônica. sem data. Tinta óleo.

O processo que temos desenvolvido na Linha de Pesquisa *Literatura e Audiovisual*, que engloba a escolha e leitura de um texto poético, a elaboração de um roteiro e um filme; tem como intenção, ou desafio, conseguir que o fundamental da obra poética chegue ao audiovisual; trata-se do desenvolvimento da linguagem, neste caso da linguagem audiovisual, pela pressão de uma equivalência estilística.

Este processo é necessariamente subjetivo e singular por inúmeros motivos. Do ponto de vista de uma obra escrita, a subjetividade e singularidade iniciam-se a partir da primeira frase lida: as leituras são sempre subjetivas. Ao ler uma obra poética, as imagens, sentimentos, situações e personagens escritos no texto são imaginados pelo leitor subjetivamente, de acordo com suas vivências passadas e presentes. Uma (re)criação a partir de um texto poético pressupõe que seu autor seja um tipo de um filtro através do qual essas imagens e sentimentos são (re)criados.

O texto é um potencial de efeitos que se atualiza no processo de leitura e os lugares vazios, encontrados durante

a leitura, têm um sentido que tem o caráter de imagem. Estas imagens não descrevem algo existente de antemão, mas sim concretizam uma representação daquilo que não existe e que não se manifesta verbalmente na página do texto literário. Podemos então afirmar que o sujeito leitor nunca é inativo em sua relação com a leitura. A obra realiza-se através da convergência do texto com o leitor.

Várias etapas são percorridas durante o processo, desde a leitura do texto até o produto final, neste caso, em suporte vídeo. A partir da leitura, as imagens e sons que surgem através dela são escritos, para somente depois serem elaborados em um roteiro. Esse é um exercício que pode parecer simples, mas não é, pois se trata de um processo onde se aprende a aceitar as imagens na maneira caótica como aparecem, sem sujeita-las à ordenação, que acaba ocorrendo quase automaticamente dada a nossa tendência de racionalização dos sentimentos e sua conseqüente superficialização. As imagens caóticas que aparecem com a leitura são importantes, pois delas podem surgir símbolos e imagens originais, que fogem ao usual e ao repetitivo, além de constituírem representações profundas de sentimentos

inconscientes, com um enorme potencial artístico, ao contrário do que acontece quando tentamos ordenar e padronizar imagens e sentimentos que muitas vezes não entendemos bem, tanto na forma, quanto no conteúdo.

Levando isso em conta eu poderia encerrar aqui minha exposição. Desculpem-me, não fui capaz. Não consegui, a princípio, desprender-me do texto o suficiente para que imagens autônomas surgissem. As imagens que surgiram eram apegadas demais à obra que estava lendo, nada, além disso. Estava muito mais preocupada em entender o que o autor queria mostrar ao invés de simplesmente deixar-me atingir por suas palavras. Queria realmente fazer algo bom, mas pequei tentando transformar o processo em algo racional, em uma fórmula. Acreditar que algo importante vem de imagens sem pé nem cabeça e ter confiança de que imagens saídas de sentimentos particulares têm força o suficiente para alcançar os sentimentos descritos na história e toda sua poética não é algo fácil. Confiança...

Sentir não é nada parecido com uma fórmula, onde letrinhas são substituídas por dados apresentados no problema, cálculos... e lá está a solução. Para (re)criar, é

necessário deixar-se tocar... tal tocar não apresenta o mesmo resultado para todos e nem mesmo para a mesma pessoa é igual duas vezes. Depende do que se está sentindo, das coisas pelas quais passou e está passando. Depende.

Como sou uma pessoa persistente, não desisti na primeira tentativa, não vou encerrar aqui minha exposição.

O primeiro vídeo filmado, intitulado **As Horas Magnificadas**, é algo que, confesso, está para mim totalmente ligado à minha falta de entendimento sobre o sentido e crença (no sentido religioso), do processo e de mim mesma. Além disso, havia a falta de experiência e o peso de saber se o caminho que comecei a trilhar na área artística, algo que sempre busquei, que sempre achei ser o meu caminho, era realmente o lugar onde poderia doar-me e expressar-me. Muito mais que um *título acadêmico* estava buscando um sentido, estive buscando a mim mesma.

Também é absolutamente necessário falar sobre todo o contexto de produção e pós-produção deste primeiro trecho de vídeo filmado do ponto de vista técnico, não como uma desculpa para todas suas deficiências - de que vou falar a seguir - mas como um protesto, na esperança que isso traga

alguma melhora para os artistas em potencial que passarão por este Instituto, para que possam preocupar-se com sua criação mais que com a falta de estrutura técnica de nosso estúdio (no caso do Multimeios). Não quero ser injusta com ninguém, nem prejudicar ninguém, só quero que as coisas melhorem e isso, creio, está mais ligado ao status da arte para todos os órgãos políticos e financiadores em geral, com a falta de valor (ou medo?) atribuída à todas as áreas humanas, de criação, de indagação e questionamento.

Quis, realmente quis fazer uma coisa bem feita, com sinceridade. Mas o medo terrível que senti de nunca poder transportar o roteiro que desenvolvi pelo abismo que separa a intenção da prática, o medo da decepção de que esta história nunca fosse mostrada da forma como a imaginei foi aumentando na medida em que percebi que a possibilidade de filmá-la ficava cada vez mais longe, não pela falta de capacidade de fazê-lo, mas por problemas materiais e de orçamento - estrutura. Além da decepção pessoal, de criadora, fiquei muito decepcionada em relação à postura que tanto eu quanto tantos outros nesta Universidade e em tantas outras temos a pretensão de adotar, de querer respeitado o

*produto artístico* e querer apresentá-lo como tal ao invés de algo que se enquadre na moldura acadêmica ou em qualquer outra moldura; brutalmente e lentamente esmagada por mil vilões, por mil vilões...

\*

Voltando ao primeiro vídeo que estou apresentando, posso dizer que não me satisfaz, porque foi imaginado com uma melhor definição, com um cenário melhor, com um som direto, mas nada disso foi possível devido ao equipamento e ao tempo disponível para a filmagem, além de ter que contar com trabalho voluntário em todas as instâncias. Este trecho foi minha primeira tentativa, mas sei que os problemas que enfrentei em relação à falta de estrutura não serão resolvidos de forma imediata, portanto daqui em diante não contarei com isso e tentarei resolver com aquilo que eu posso alcançar, com coisas simples e criativas, e assim quem sabe aos poucos eu possa realizar progressos. Torço do fundo do coração para que isso seja possível.

Em relação ao processo, observo neste trecho de vídeo vários pontos que chamarei aqui de problemas, a começar pela intensa narração. Como vocês sabem, o conto foi escrito em duas colunas, e neste trecho eu trabalhei da seguinte forma: transformei a primeira coluna, que é mais poética em voz de narração - em off - e a segunda em imagens. Esse é um ponto importante, porque o fato de que o conto é escrito em duas colunas parece-me absolutamente relevante. Tenho lido este conto de todas as formas possíveis: alternando as colunas, lendo somente uma e depois somente a outra, não lendo uma delas. Depois de tê-lo feito, cheguei à conclusão de que a primeira coluna é a mais poética, tem muito mais do que me parece ser lembrança nela, e resolvi chama-la de "a coluna das horas magnificadas". Já a outra carrega em si uma revolta mais clara, nesta coluna, as passagens são contadas de forma mais "crua", com menos imagens que poderíamos chamar de simbólicas e muitas vezes, a história é narrada usando o verbo no tempo presente. Aqui, o personagem/autor parece estar mais ressentido, mais agressivo. A primeira impressão que tive quando li o conto, era de que a segunda fileira contava os fatos que

aconteceram há tempos atrás e a primeira magnificava tudo isso. Uma história magnificada. Pela memória, pelo tempo.

O que eu li, e quis demonstrar neste trecho foi a história de um personagem que se lembra de um rapaz aos seus 17 anos - ele mesmo- que carregava consigo toda preocupação de quem está ainda se formando, se construindo: dúvidas, críticas ao mundo, esperança. Vive um romance com uma mulher de 20 anos que, apesar de ainda nova, já é muito vivida, já se magoou, desistiu do amor. Ela trabalha como corista em um cabaré. Ele lê muito, vê muitos filmes, é interessado. Seus mundos são separados por um abismo. Eles são muito diferentes. Apesar disso têm esse romance, forte e amoroso, mas que tem suas regras sem palavras: nada além daquilo. O ímpeto do jovem rapaz leva-o, tomado pelo amor, pela corredeira de sentimentos, a dizer a ela que a ama, que acredita num futuro juntos. Nesse momento, o relacionamento deles se fragmenta, acaba. Ela chega a acreditar por um instante na possibilidade, mas logo entende (baseada em sua vivência) que não é possível. No último olhar acende-se no rosto dela um sorriso, talvez, como diz o autor: "o último, de mágoa? De desafio? Choro transformado em luz? Talvez uma

simples reação nervosa. Um último sorriso SEM PALAVRAS". O amante real deixa ir e fica com ela Clark Gable.



---

<sup>7</sup> Título: Clark Gable - Still do vídeo *As Horas Magnificadas*, com a atriz Beatriz Frade.

A narração do vídeo é algo que me aborrece. Sinto nela um grande exagero. Como algo que ultrapassou - e demais - um limite. Isso passou a incomodar-me ainda mais quando percebi, vendo alguns filmes, que o que me irritava neles era exatamente a mesma coisa. Apesar disso, alguns destes filmes conseguiram continuar muito bons, talvez por contarem uma história de uma boa maneira, ou por terem uma boa história para contar, ou por outras qualidades (bons atores, boa fotografia...). Mas existem filmes que perdem totalmente seu encanto por causa da narração excessiva. Creio que trabalhar com narração é algo muito difícil porque está ligado à exatidão - nada mais e nada menos. Se for demais, toda força da imagem cai por água a baixo, além de parecer que se está subestimando o espectador. E de menos, se o autor escolheu trabalhar com a narração, qual é o sentido?

Escolhi ter um narrador português, porque queria fazer uma referência ao contexto da obra, à nacionalidade do autor e mesmo à memória, por ser uma voz de uma pessoa mais velha. Mas a voz que escolhi não combinou com as imagens, modificou sua essência dando um tom televisivo demais, não de uma lembrança como eu queria. Uma voz de alguém que se

lembra é sussurro... Posso desculpar-me dizendo sobre minha falta de experiência, mas não creio que isso pode ser levado em conta, apesar de ser verdade.

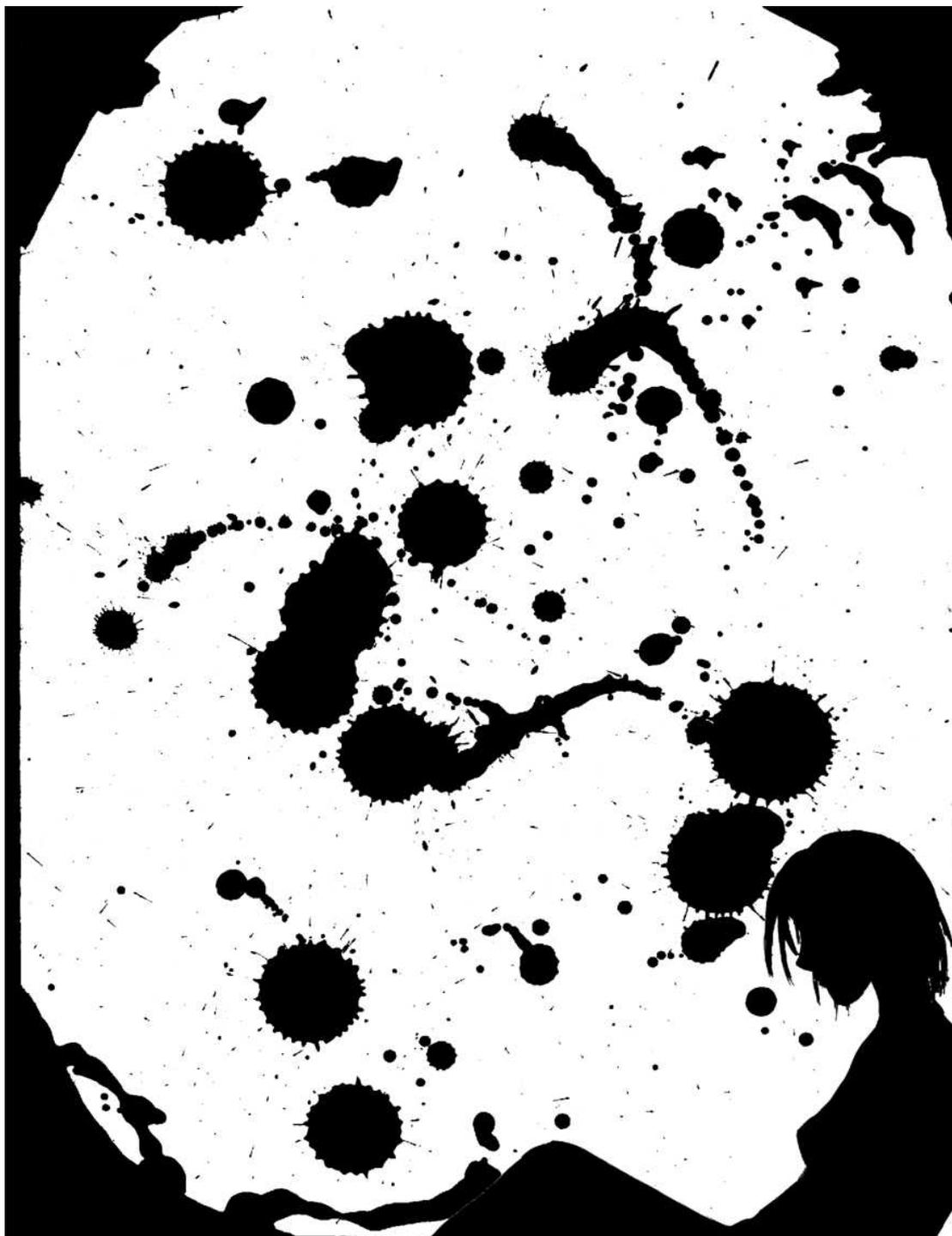
Às vezes, quando assisto a este vídeo, penso em um *clip*. A falta de som direto incomoda-me profundamente. Mas ao mesmo tempo, como poderia ter feito diferente? Captação de som direto não é algo simples como colocar um microfone qualquer apontado na direção dos atores, não se o desejo é fazer algo de qualidade. Não me foi possível trabalhar esse ponto neste trecho, mas pretendo pensar em alguma forma de trabalhá-lo mais tarde, mesmo porque, o peso que atribuo à narração pode dar-se devido ao fato de ser ela, além da música, o único som deste vídeo.

Outra coisa que me incomoda, são os retratos na parede. São grandes demais. Porque o exagero? Se fosse fazer hoje, usaria quadros menores. A cena da sombra da moça sobre o quadro do Clark Gable é boa, mas não justifica o tamanho dos quadros.

Agora, depois de ter me debruçado muito tempo sobre este conto, tenho mais consciência do que quero mostrar, por ter pensado muito nos sentimentos que a partir dele

manifestaram-se em mim, por entender melhor assim, o porque de sua estrutura. Novamente as duas colunas. Hoje penso um pouco diferente do que pensei no início, quando achei que uma coluna contava os fatos e a outra magnificava tudo. A memória está impregnada em ambas colunas, e pode ser sentida em ambas porque não é possível separar em nossa mente o que foi realidade da maneira como guardamos um acontecimento, uma pessoa ou um lugar.





<sup>8</sup> Título: Cecília: Imagem de minha autoria - Nanquim. 1998.

A memória...

lembrar-se de algo.

Num sentido corriqueiro, está mais ligada ao esquecer-se, à falta de memória, onde pequenos detalhes, datas, números e informações do dia - a - dia não são lembrados. Num sentido histórico, a memória está relacionada àquilo que foi deixado por outras épocas e que devemos guardar, a memória histórica, a memória de um povo, pinturas, esculturas, Arte, Memória; fica guardada em museus principalmente. Mas a parte da memória a que vou referir-me aqui é individual e subjetiva, uma lembrança que provoca sensações, sentimentos, ou é provocada por eles. É algo que existe para todos, mas é solitário, só eu posso lembrar-me daquilo que está guardado dentro de mim, que muitas vezes nem mesmo sei e que vem à tona com um olhar, uma paisagem, um cheiro, um barulho, inúmeras formas.

O inverno tem um cheiro, que me dá uma sensação - posso chamar de sentimento - que me leva a outras situações onde o frio estava presente. O jeito de olhar de uma pessoa pode lembrar-me de mim mesma, há muito tempo atrás. Existem

cheiros que provocam estados de humor imediatamente, lembram-me de situações ou relações com pessoas que tinham aquele cheiro - um cheiro que sentia freqüentemente e agora não sinto mais. São lembranças diferentes, porque estão diretamente ligadas aos sentimentos. A maior parte das vezes, o que vem inicialmente, é a sensação, que pode até passar despercebida e pronto, passou. Mas quando a percebo e paro para senti-la, deixá-la tomar forças, ela mesma me diz de onde veio e vem de mãos dadas com a cena, época, lugar ou pessoa.

A memória mexe com a gente, nos faz perceber coisas que não tínhamos nos dado conta, nos faz estar em lugares que já foram próximos, agora distantes. É algo meu, que partiu de um fato real e entrou na esfera da mente (da alma?), pode ter sido guardada de uma forma mais bonita do que foi, pode ter sido guardada de uma forma mais romântica, trágica, feia ou aterrorizante, pode ter dado maiores proporções a pequenos detalhes que eu não percebi conscientemente, mas foi guardada em minha mente (alma?) de forma subliminar e talvez algum dia, a partir de uma sensação, intuição ou reflexão, venha à superfície

consciente; ou permaneça inconsciente e brote através de sonhos em formas que não são racionais, mas simbólicas; ou nunca brote. O que foi guardado, da maneira que foi guardado passa a ser o que aconteceu para mim, porque eu me lembro assim.

Muitos podem pensar que a memória torna-se então um tipo de ilusão, por não ser como um documentário bem objetivo guardado em nossa mente. Mas o que poderia ser mais real em um nível individual, o que poderia estar mais perto de mim mesma do que um acontecimento guardado junto com o sentimento? E é necessariamente desta forma: sentimento e memória.

*Imagens da cidade, viadutos, prédios, carros.*

*É noite, as luzes são fortes.*

*Essas imagens aparecem no começo do filme **As Horas Magnificadas**, junto com os letreiros de apresentação.*

*Percebe-se então, que são imagens vistas de dentro de um taxi por um senhor que está chegando à cidade depois de muito tempo. Ele olha o movimento das coisas, passageiro, por detrás do vidro do carro, a cidade que se abre para ele. Vemos o rosto dele na penumbra do banco de trás e o movimento de luzes e faróis por trás do rosto dele.*

*As paisagens que passam em um determinado ritmo vão desacelerando. É o taxi que pára em um sinal. Ele observa os prédios através da janela e vê um cabaré, todo iluminado, olha seu nome: "Cabaré Casablanca" e todo seu mistério. Vê um rapaz que se aproxima, olhar inseguro, quase ingênuo e sua memória vem à tona. Ele sente, ele lembra-se dela. Lembra de tudo em turbilhão, olha e não vê mais o rapaz que nunca viu, olha e vê a si mesmo, muitos anos atrás, quando a conheceu.*

*Ele entra no cabaré e senta-se na terceira fileira, observa tudo o que acontece com uma segurança "Irônica e contida". Ela está no palco dançando seu show. É mais uma, apenas mais uma das várias moças do local. Depois de um tempo, ela aparece andando pelo cabaré e ao acaso bate os olhos na terceira fileira, onde ele está sentado. Aproxima-se e se apresenta.*



---

<sup>9</sup> Título: Manuela e o Espelho - Still e capa do vídeo **As Horas Magnificadas**, com a atriz Beatriz Frade.

É interessante pensar como se chega a algo, refletir... porque Urbano Tavares Rodrigues, porque o conto *As Horas Magnificadas*? Porque esse conto foi escolhido por mim, em meio a tantos outros?

Esta é uma resposta totalmente subjetiva. Posso dizer que está relacionada à fase pela qual estava passando, onde percebi como são cépticas as relações entre pessoas, como o amor e a confiança são desvalorizados, muito mais que isso, amedrontadores. Ora, o conto foi escrito há algumas décadas e, no entanto, trata de sentimentos modernos, de sentimentos que não são desatualizados.

Posso dizer que o conto de Urbano Tavares Rodrigues ressoou em mim.

Essa escolha também está ligada à solidão, um sentimento que me incomoda e ao mesmo tempo me interessa, um sentimento tão freqüente hoje em dia e que tem se intensificado cada vez mais, está mais presente que nunca. A solidão, o exílio, o distanciamento, a misantropia são sentimentos que têm uma linha em comum, com os quais gostaria de tentar trabalhar em audiovisual.

Eu tenho medo da grandiosidade desses sentimentos, e os sinto em olhares vazios nas pessoas, na falta de comprometimento umas com as outras, no materialismo e ganância em detrimento ao respeito e amor, no afastamento espontâneo, na abstração. Para mim é uma causa urgente. Ela urge dentro de mim. É algo sobre o qual preciso falar, como um aviso que gostaria de fazer, para as poucas pessoas que poderiam ver o que produzi, como um alerta. Posso dizer, que é um ideal. Escolhi este conto, porque mostra de uma forma simples o que certas vivências e ocorrências do mundo, da vida, podem apagar nas pessoas, e por causa da memória tão forte existente naqueles que não conseguem deixar de sentir e sofrer na presença desse apagamento... e a simplicidade, é algo que tem uma força extraordinária.



10

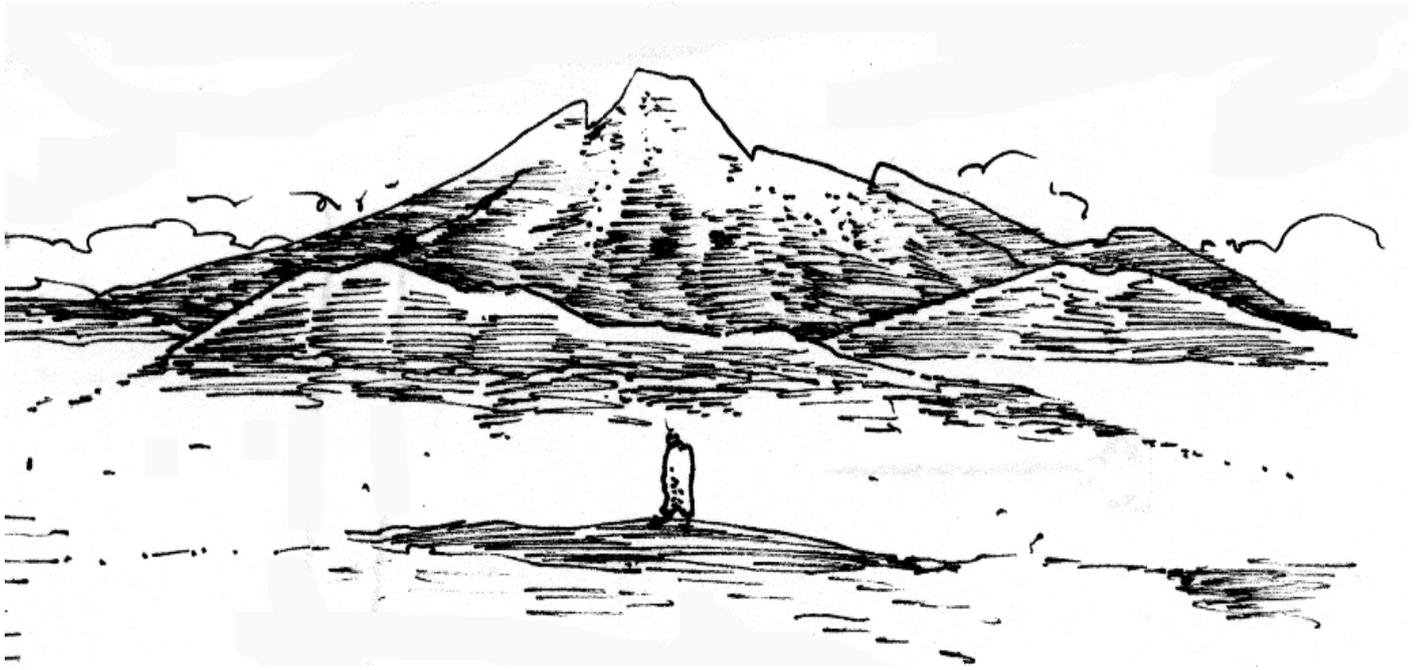
De forma ideal, posso dizer que foi esse o motivo de escolha do conto, mas se mergulho ainda mais dentro de mim, acabo perguntando-me porque eu acho cépticas as relações entre as pessoas, porque tenho medo da grandiosidade desses sentimentos, porque eu acho que é uma causa urgente? Seria ilusão minha pensar que são assuntos que só me interessam porque olho em volta e os vejo nas pessoas, porque quero avisar-lhes sobre o perigo: Cadê o amor de vocês??!! Cadê o

---

<sup>10</sup> Título: Manuela e Urbano -Still do vídeo ***As Horas Magnificadas***, com os atores Beatriz Frade e Gustavo da Palma.

respeito??!! Ei ouçam-me, eu vejo o olhar vazio de vocês! A solidão se aproxima...

Não é bem assim. É antes de tudo uma causa urgente pra mim e por isso, quando olho em volta reconheço esta urgência nas pessoas. Não poderia reconhecê-la se ela não fizesse parte de mim também. Não poderia reconhecê-la se já não a conhecesse.



11

---

<sup>11</sup> O Monte:Imagem de Pedro Okabayashi, Caneta Hidrocor.1999.

A solidão.

Um sentimento que parece ter se intensificado atualmente, talvez pelo fato de aparecer mais, no contraste entre milhares de pessoas e ninguém ao mesmo tempo, pelo fato de olhar em volta e nunca estar só sentindo-se só. A cidade grande tem muitas pessoas e, no entanto, parece tão vazia. Existem milhares de músicas, poesias, histórias, filmes que falam sobre isso, todos já viram ou ouviram, é algo familiar atualmente; mas na verdade a solidão não é um sentimento que poderia ser chamado de moderno, a solidão sempre existiu, em toda a história do mundo, em todas as épocas, em todas as classes sociais. E então, afinal de contas, com o que tem a ver a solidão? De onde surge?

A solidão é um sentimento que como o amor e tantos outros, não pode ser sentido de forma igual pelas pessoas, tem suas características gerais, mas para cada um o sentimento é diferente. Eu sinto e tenho sentido uma solidão absurdamente grande, e não sou uma pessoa sozinha, tenho bons amigos, pessoas com que posso contar verdadeiramente, tenho uma família complicada, é certo, mas posso dizer que

nos damos bem. De onde vem minha solidão? Ela está dentro de mim, como um grande buraco negro. Às vezes, quando a luz da cidade está mais forte, não posso vê-lo, mas está sempre ali, sempre buraco, sempre negro, não em um sentido negativo, mas de algo que não posso identificar direito por causa da escuridão, por não enxergá-lo.

Na minha busca de sentido, a primeira tentativa foi de olhar para minha família e infância no intuito de aprender sobre esse sentimento que é me tão presente. Venho de uma família formada por um casal de culturas diferentes. Minha mãe é brasileira e meu pai japonês. Por mais que se amem, o fato de serem de culturas diferentes cria um abismo entre as pessoas, e em seus filhos, uma eterna dualidade entre um lado do abismo e outro. Em minha casa o abismo sempre se tratou de problemas de comunicação.

Eu tenho sérios problemas entre meu lado japonês e meu lado brasileiro, pode parecer ridículo, mas não é algo de fácil solução. Minha primeira incursão na escola foi em São Paulo, em um maternal japonês. Tudo era japonês, fala, comportamento, atividades. Creio que não gostava desta escola, pois nos álbuns de foto estou sempre chorando.

Quando cheguei em Campinas e fui estudar em uma escola alternativa, senti um grande estranhamento, mas não tão grande quanto ao choque que senti ao incursar à primeira série em uma escola das mais tradicionais. Eu era sempre a "japonesa", a "japa", aquela que era diferente, aquela que não era convidada. Na minha rua, quando havia "bailinho", a única pessoa que me chamava pra dançar era um menino que era tão desprezado quanto eu, talvez por não ter escolha: a "japoneuza" e o asqueroso. Na época eu não entendia muito bem, mas percebi há tempo que era muito mais valiosa a amizade desse meu amigo que a aparência dos outros meninos e meninas da rua. Carlos, esse era seu nome, morreu aos 17 anos em um acidente estúpido de carro, talvez por não perceber que uma corrida de carro fazia parte desse mundo de aparências, mas de vez em quando o vejo passar pela rua de cima, indo dar uma volta para encontrar com a namorada ou seus amigos do bairro.

*O cabaré... aquele lugar onde ele era obrigado a ver outros homens perto dela. E as amigas, sempre com fuxicos, e os olhares dos homens que ali estavam o fazendo se sentir como um moleque. Deixando-o isolado e fazendo isolar-se apesar de tanta fumaça de cigarros, apesar do tilintar dos copos de bebidas. Ali se sentia diminuído, inexperiente e bobo. Ali, se sentia só.*

Quando aos 10 anos fui para o Japão para conhecer a família de meu pai, aí fiquei realmente confusa. Lembro-me como se fosse hoje como era lindo aquele lugar, era verão e o calor era absurdo, todos aqueles olhos puxados como os meus, o sol, libélulas, a velocidade do trem bala, os piqueniques em volta de túmulos da família, o cheiro de incenso e carpas em tanques, os castelos de samurais e luzes e tecnologia e outdoors. Senti-me em casa. Um dia, estava eu, meu irmão e meus primos em um riozinho pescando peixinhos com rede, calças erguidas até os joelhos, bem perto de uma ponte e ouvi outros meninos gritando lá de cima: Gaijin! Gaijin desu! Brazirujin desu! E assim, de repente, eu não era de lugar algum. Não pertencia.

*Aquela não podia ser sua família. Olhava a mãe, os irmãos e o pai, na mesa de jantar. Olhava e não podia entender qual era a semelhança entre eles. Só ele não pertencia. Todos os outros pensavam da mesma forma. Os irmãos, simplesmente não questionavam, talvez um dia, eles percebessem, talvez, mas ali, naquele momento eles eram para ele, estranhos. E ele, estrangeiro em sua própria casa, ouvia o pai lhe falando dos empregos que deveria ter, e a mãe rindo-se da sua pilha de livros e revistas, criticando-o quando achava alguma coisa absurda, dizendo a ele sobre sua falta de personalidade.*

Mas minha primeira grande decepção - mal saberia eu quantas outras viriam a seguir -, deu-se por causa da minha rigurosidade quanto à palavra. Tudo o que eu dizia era exatamente aquilo. Eu não me permitia mudar de opinião, de postura. Estanquei. E quando as pessoas se permitiam fazê-lo, encontrando outros caminhos, transformando-se, parecia para mim algo como apostasia.

**Quando a poeira de ilusão assentou**

**percebeu anos de solidão...**

**deplorava a vida que ia levando**

**a distância desabava sobre a cabeça de todos**

**A Mentira**

**Apostasia<sup>12</sup>**

Uma vez meu pai disse-me que eu ia ser uma pessoa sozinha, por causa do jeito que agia, por ser muito agressiva, talvez, por ser muito intolerante. Quando ele morreu, achei que isso se transformou em uma praga, praga de

---

<sup>12</sup> trecho de minha autoria. outubro de 1994

pai, não como algo ruim que ele me desejasse, mas simplesmente um fato, a começar pela falta que ele me fazia, a começar por ele. Existem épocas na vida de todos, que muitas coisas para o qual não se está preparado acontecem. Essa foi com certeza a minha, onde todos os homens da minha vida morreram ou se foram. Senti ódio do mundo, me afastei e se afastaram de mim por perceberem esse ódio.

**tenho febre...**

**39 mais ou menos.**

**uma vez eu disse que a dor na alma se reflete no corpo.**

**equivocada? como posso ser tão forte e avançar tendo tanta coisa me puxando pra trás? tristezas me puxam. Pessoas tristes e descontentes me rodeiam.**

**estou no centro levando a quadrilha.**

**achei um papel no chão outro dia, estava escrito: tão longe quanto o bueiro do céu. que frase!**

**nada é pior que um olhar vazio. é tão triste perceber que uma coisa que você não queria está acontecendo**

**e você não pode fazer nada pra mudar. como o castelo de areia se desfaz. como a folha fica seca e cai. como a tempestade chegando e o primeiro grande pingo na cara. como as pessoas que se vão sem que a gente queira... pessoas importantes.**

**Tenho febre ... minha alma quer se defender.**<sup>13</sup>

Quanto tempo é preciso para perceber que é necessário, e mais que isso, impossível não se transformar? Que não se pode impedir que algo aconteça naturalmente? Talvez uma vida toda, talvez grande parte dela.

Estou agora mexendo com minha memória como da mesma forma, mexe o conto que escolhi. E só pude escolhe-lo, porque estava preparada para pensar sobre o assunto. Não quero ser dramática nem nada, peço desculpas se é o que parece. Mas como diz o velho ditado: "cada um sabe onde o sapato aperta". Todos perdem pessoas, mas a cada um o peso é diferente, cada um lida com as coisas de forma diferente. Essa perda pode ser a morte, a separação, a desavença,

---

<sup>13</sup> trecho de minha autoria. 25 de fevereiro de 2001.

existem várias formas de se perder alguém, mas qual a novidade nisso que estou contando? Qual a importância se não para mim mesma? A cada momento tenho mais certeza sobre a solidão da criação, sobre seu caráter singular. E nesse sentido posso então dizer que meu pai tinha razão quanto à minha vida solitária. Sinto-me novamente sozinha agora, falando coisas que só a mim dizem respeito. Falando sozinha para uma tela, que neste caso sou eu mesma, descobrindo coisas e sentindo-me triste com elas.

**Um dia que não amanheceu, onde nem os pássaros teriam coragem de chamar a claridade, fraca que fosse e permaneceriam quietos, escondidos, quase mortos.**



**Um dia que não amanheceu...**

**A chuva veio vindo, cortina branca que envolvia e mudava a textura de tudo que molhava, me pegou no meio de caminho algum, caminho que desconhecia, porque simplesmente caminhava, cega de caminhos.**

**Mudou minha textura também, me envolveu molhando por fora a que por dentro nada tinha, a que tinha por dentro um dia que não amanheceu.<sup>14</sup>**

Acho que no fundo a vida é solitária. Se tivermos sorte o bastante de encontrar alguém que possa nos acompanhar, que tenha semelhantes vontades, que se transforme de forma parecida, pode parecer que não estamos sós, mas o caminho de cada um é sempre solitário. Individual. Ninguém é responsável pelo que vivo, pelo que sinto, só eu mesma. Ninguém vai compartilhar comigo minha doença, porque é só minha, do meu corpo, da minha mente. A felicidade também é solitária, por mais que outras pessoas

---

<sup>14</sup> Trecho e imagem de minha autoria. Janeiro de 1998.

estejam felizes, ainda que pela mesma razão; assim como é a tristeza, a saudade, a dor, e milhares de outras coisas que sentimos.

Agora, depois de pensar muito sobre isso, sei mais a cada instante, e ao mesmo tempo acho cada vez mais complicado, mais complexo, mais cheio de camadas e camadas. Acho que a solidão está ligada ao conhecimento. À experiência. Quanto mais conhecemos do mundo, das pessoas e quanto mais experiências tivermos, mais solitários nos tornamos, mais distantes. Para mim, está estreitamente ligada à esperança, à fé. A solidão aumenta com o passar dos anos. Não sentia tamanha solidão quando mais nova. Minha solidão aumentou com minha vivência, com coisas que não acredito mais, com decepções, e mesmo alegrias. Em fases de pessimismo - o que realmente sou, confesso - penso que as grandes decepções nunca mais nos permitem alegrias completas, porque mesmo quando estamos muito felizes, sempre lembramos que tudo pode acabar em decepção, e para privar-me disso... distância... Mas existem as alegrias, claro, como aqueles pequenos clarões, as faíscas que saem da

madeira desfazendo-se enquanto a fogueira queima. Mesmo elas são individuais: as alegrias e as faíscas.

*Quando acabam, continuam deitados, ele a abraçando por trás, rosto colado em seu ombro. Ele está com uma feição de tristeza, seriedade e ela com uma feição também triste, mas que vai se transformando em dor. Ela se afasta, e se encosta na ponta da cama com os joelhos contra o peito. Ela diz: Vai-te embora, não é o que queres?*

*Ele se levanta e se veste. Depois se vira para ela e responde: Até amanhã.*

*Ao invés de sair imediatamente, fica a olhá-la um instante, como se esperasse que ela dissesse algo. Depois vira-se e caminha para porta. Ela continua sentada na mesma posição. Da fresta da porta, vemos no rosto dela um latejo de sorriso (o último, de mágoa? De desafio? <choro transformado em luz?>. Talvez uma simples reação nervosa. Um último sorriso sem palavras.), ela de joelhos contra o peito e acima dela pode-se ver o quadro do Clark Gable (no texto, o Clark Gable está refletindo no joelho dela) pela fresta da porta, que se fecha. Blackout*

Estou deixando meu pensamento ir tão longe, a partir de minhas idéias e de conversas que tenho tido com as pessoas, que chego a pensar que a idéia de que todos viemos de algum lugar e que vamos para algum lugar em comum, antes de nascer e depois de morrer, e mesmo as identidades no sentido antropológico, o sentido de comunidade, de pertencimento, são defesas para não se sentir só. Ilusões, para não se desesperar. A solidão hoje em dia pode parecer maior pelo fato do grande número de pessoas concentradas nas cidades, mas o ceticismo, é algo realmente assustador e solitário - mais uma vez, a falta de fé. Não é de se espantar que depois de uma grande onda céptica e científica, capitalista e industrial, exista um impressionante número de pessoas freqüentando mais e mais locais de cultos e de novas crenças.

É aqui que entra um grande nó, aquele que existe também no segundo dos cinco atos da tragédia clássica: a marca do conflito, onde não é possível mais retroceder. A solidão é algo que buscamos incessantemente apagar,

esquecer, tornar mais amena, é como se fosse uma necessidade acreditar em algo onde não há diferenciação, onde há igualdade, onde todos pertencem. Mas ela existe em cada um de nós, queiramos ou não, em cada sensação, em cada pensamento, em cada olhar.

**Hoje pisei em uma barata pisada.**

**Não ouvi nenhum chamado.**

**Fiquei surda pro mundo, por me sentir traída.**

**Senti pena de mim e de todos.**

**Abracei meu amor com medo. Minha fé...procuro e não a encontro.**

**Andei muito, procurando fora de mim e não vi nada; em nenhum rosto, em nenhum cheiro, em nenhum prédio nem calçada.**

**Pedi ajuda, mas não tinha ninguém.**

**Me vi sentada na frente de uma capela, rodeada por um lago negro e turvo, como eu. Ouvi o canto que vinha de dentro, mas não pude entrar.**

**As pessoas passam me lembrando do tempo. O Tempo.**

**Reforço minha certeza, que pensei enterrada: as tristezas são proporcionais às alegrias e te pegam desprevenido. São as tristezas que o mundo envia, porque tudo tem um balanço. São tristezas que o mundo envia...**

**Pobres crianças, não sabem de nada. Quantas tristezas lhes serão enviadas? Aquele homem que lê jornal: deve ser triste também, não? Aquela mulher que se acha bonita, aquele senhor que já viveu tanto, aqueles que correm com pressa: todos carregam as tristezas que o mundo envia.**

**Sinto sono porque prefiro sonhar. Sozinha.<sup>15</sup>**

Meu pai, que era para mim o símbolo maior de força, de nacionalidade, minha referência, ficou doente. Às vezes penso como é cruel o destino das pessoas. O mais forte dos homens eu vi, murchou na minha frente. E como foi dolorido presenciar esse processo. Observar a mudança no brilho do seu olhar. Não tenho vergonha nenhuma de dizer que mergulhei nessa tristeza profundamente e nela fiquei mergulhada um bom tempo, posso até dizer que apesar de poder hoje falar sobre

---

<sup>15</sup> Trecho de minha autoria. 24 de fevereiro de 2002

isso, é algo que me leva imediatamente pra profundidade do meu mergulho. Quando morrem os japoneses, na tradição budista, recebem um nome de morto que na verdade é um desejo do que eles possam vir a ser na próxima vez que vierem ao mundo. O nome que meu pai recebeu foi "que seja vasto e profundo como o mar". Como meu mergulho. Penso muito em solidão quando falo sobre ele. Um cara que aos 22 anos resolveu ir embora e veio ao Brasil, sozinho. Porque? Queria ele fazer algo grandioso? Ficou aqui sempre pregando o que era de lá e quando voltou pra lá - ô destino!- para trabalhar como um dekassegui, não como um japonês, ficou doente. Mesmo porque, o Japão que ele encontrou não era mais o mesmo. Até hoje, quando vejo um japonês, senhor japonês, sinto a solidão, quase posso tocá-la, lembro-me de meu pai. Eu mal consigo andar pela Liberdade - bairro de São Paulo - sem sentir-me desconfortável, quantos senhores japoneses hei de cruzar nas ruas todas.

*"O sino do templo pára de tocar.*

*Mas o som continua vindo*

*Nascido das flores."*

*Bashô.<sup>16</sup>*

Mas porque falar sobre meu pai agora? Fico pensando que isso às vezes soa como masoquismo. Mas são sentimentos que me percorrem o tempo todo, estão dentro de mim e afloram quando crio. Tenho que falar deles, mesmo para poder lidar com eles. Onde quero chegar com isso? Pensar sobre meu pai me dá tristeza, mas agora percebo, me dá esperança também. E esperança é algo muito confortante. Pensar em alguém que se foi, mas nunca deixou de sonhar com algo melhor, e se permitiu fazê-lo, mesmo quando outras pessoas achavam que aquilo que queria era só um sonho. Isso é para mim esperança e enquanto ela existir dentro de mim - e espero que nunca se apague - existe combustível, existe algo que me impulsiona.

Falo sobre meu pai e não sobre minha mãe e meu irmão. Pode parecer que eles não estão em minha vida, que não têm tanta importância para mim quanto às outras pessoas

---

<sup>16</sup> in: SAVARY, Olga, trad. *Haikais de Bashô*. São Paulo, Hucitec, 1989

ou situações de que tratei aqui. Mas não é verdade, eles compõem uma parte do que tenho de mais precioso. Poderia falar sobre toda solidão que enxergo neles, mas não vou fazê-lo, porque quero preservar-lhes, mas acima de tudo porque não me julgo preparada para falar sobre isso por ser algo em que estou mergulhada.



17

---

<sup>17</sup> Sem Título: Imagem de minha autoria. Caneta hidrocor. 1995

Sempre me foi importante encontrar um significado para as coisas que fazia. Os amigos riem de mim quando solto minha frase singular: Vamos fazer alguma coisa grandiosa? Mas eu nunca soube explicar-lhes o que seria fazer algo grandioso.

- O que você quer fazer? Ir para a praia agora? Correr em volta do quarteirão? Quer fazer uma revolução?

Não, nada disso. Ou talvez sim. Nunca soube explicar.

No entanto muitas vezes sentia que havia feito algo grandioso, sem que fosse grande em proporções, como se imagina quando se fala: Fazer algo grandioso.

Agora, neste instante, percebo que a grandeza está relacionada a mim mesma. Ser sincera quando produzo, quando falo, não ter medo de julgamentos, o que é muito difícil, da mesma forma que me está sendo escrever este texto, expor-me e contar coisas que penso e achar que são relevantes. Logo o que eu penso, meu Deus!

Mas cada vez que penso: quero falar sobre isso, apesar de difícil, aprendo e me descubro como estou

descobrir coisas nesse exato instante. E isso não é grandioso?

Se eu puder conhecer-me melhor e ser extremamente sincera no que faço, talvez eu possa estar mais perto de alcançar o universal a partir de mim, e então transmitir algo para as pessoas, ressoar dentro delas, doar-me.

Tudo o que escrevi aqui, considero como uma grande tomada de consciência. Aqui, nestas folhas de papel, tentei entender muitas coisas, e a ligação entre elas, sentimentos que estão e estiveram em minha mente (alma?) em tudo o que tenho feito - muitas delas impressões, muitas delas como um grande saco de tijolos que tenho arrastado. Tenho consciência do fim de um ciclo. Coisas, acontecimentos e sentimentos que vieram de fora de mim e de dentro, e foram guardados por muito tempo... agora podem ser deixados - desapego - porque foram absorvidos e entendidos, pensados. É realmente como um parto. Doloroso. Mas algo que, vejo agora, não poderia ser de outra forma. Eu não seria humana se não doesse, e sendo humana, quero sê-lo plenamente.

Agradeço imensamente por ter essa possibilidade, porque aqui, não somente pude criar a partir de mim, mas

pude desculpar-me comigo mesma através dessa possibilidade, o que estou fazendo aqui, é muito mais que algo acadêmico (isso já disse), mas agora sei que é muito mais que criação artística, é algo como um milagre. Aqui, pude redimir-me e tive essa chance, que talvez o autor do conto não tenha tido fazendo com que os personagens da história não tivessem ou não quisessem... mas tanto o escritor quanto seus personagens fizeram-me pensar sobre tudo o que sentiam, e sobre mim. Toda a distância que se derramou, toda a solidão que senti, eu tenho a possibilidade de redimir agora, porque entendo. Agora. Porque mesmo sabendo que o mundo, a vida, podem ser muito tristes, solitários, retirando nossas forças, mesmo sabendo disso, eu tenho esperança. Aqui, peço desculpas ao meu pai por não estar com ele quando ele se foi, meu pai querido... não sinto mais o gosto amargo da perda e da inércia que senti de pessoas que diziam amar-me e da imensa solidão que senti por isso e assim, atravesso o abismo que separa as pessoas- solidão, silêncio, desavença. Aqui planto minha sementinha mais valiosa, porque sem ela, para mim, não há sentido em estar viva. Aqui, planto esperança.

*Imagem começa no céu, está amanhecendo, pode-se ouvir o barulho do mar. Com o caminhar da câmera, um recuo, passamos pela parte mais clara do céu, por montanhas, prédios, a avenida que passa ao longo da praia e o encontramos novamente, o senhor, a lembrar-se. Ele olha para o mar, para o céu, para tudo:*

*"Levou-as o nevoeiro, as tuas palavras tristes, que eu talvez não tenha sabido entender. Eram folhas da noite morta. No fim da treva, quando os troncos das árvores já se tingem de lilás, reencontro as tuas palavras - desalento, que eram praticamente lágrimas, quase só lágrimas, flores de água abandonada..."*

*Urbano Tavares Rodrigues*

*Enquanto a voz em off fala, começa-se a ouvir alguém que ri alto. Quando a fala vai acabando a câmera passeia até a areia, onde se encontra o casal que acompanhamos até aqui. Não vamos mostrá-los de perto, mas por termos passado tanto tempo juntos, saberemos. Ela corre, prá lá e prá cá, pula e gira, gira, gira. Seu cabelo balança com o vento. Ele está sentado, observando, ela ri. Nossa câmera passa perto de seus braços que giram, imagem sobreposta (fusão) à dos pés revolvendo a areia e acaba no mar, suas ondas, seu movimento.*

*fim.*



18

---

<sup>18</sup>Título: Folhas de árvore contra o céu . imagem de minha autoria. Nanquim. 2001

Espero ter conseguido transmitir até agora o que constituiu e tem representado o processo que desenvolvi durante este período do mestrado. Existem muitas coisas que julgo relevantes, mas ao mesmo tempo pergunto-me: para quem? Fico sempre insegura: devo ou não falar sobre isso, devo ou não apontar nesta ou naquela direção? Mas logo em seguida tenho a sensação de que não se trata de dever ou não, mas de intuição, sentimentos, memória e eles rumam para tantos lados diferentes! Falei antes de sinceridade e em relação a isto não tenho nenhuma insegurança. Então, continuo com minha árdua tarefa. Deixar-me levar, criar e escrever acima de tudo e qualquer julgamento.

Nos últimos meses tenho sentido uma necessidade imensa de transportar uma imagem que vem me perseguindo por aí, na mente, nas coisas que leio, nas paisagens que vejo. Resolvi respeitar esta vontade, que muitas vezes é maior que nós mesmos. Estou transportando essa imagem pelo abismo, e mostrando-a a vocês. Quando me referi ao termo transcrição era para isso que apontava. Criar a partir da obra que li para mim tem se tornado aos poucos algo

diferente do conto, da história de Urbano Tavares Rodrigues. Mas o sentimento é muito semelhante. O que crio agora me traz a mesma sensação que me trouxe a história e só faz sentido por causa dela.

A imagem de que falo é um bosque de eucaliptos.

A extensão daquelas árvores olhadas do nosso ponto de vista, cada uma esguia e solitária. Onde não podemos ver as raízes fundas que sugam a terra. Lembram-me solidão. Poucas coisas crescem onde existem eucaliptos, por isso talvez esse sentimento. O vento sempre está por ali, remexendo aquelas folhas, que fazem barulho, um barulho ensurdecedor, que às vezes nos faz bem e às vezes muito mal, trazendo angústia.



19

**Quantos eucaliptos terei que cortar? Até onde chegaram suas raízes? Até onde? O vento passa por eles, tão altos balançando suas folhas e aquele barulho, não é um simples som de folhas de eucalipto balançando ao vento, não! São sentimentos, e têm o cheiro... de sentimento de eucaliptos, de histórias e segredos. Quanto mais sentimentos, mais profundas raízes. Não poderiam exalá-los se não sugassem, não poderiam...**<sup>20</sup>

---

<sup>19</sup> Título: Eucaliptos - Still do vídeo: *Folhas de árvore contra o céu*, por Joana Cunha

<sup>20</sup> trecho de minha autoria. outubro de 2002.

Outra imagem relacionada a esta tem me perseguido e diz respeito às folhas que caem das árvores, às flores, aos frutos. Uma folha caindo de uma árvore... e sua queda solitária, flutuando no ar. Ao mesmo tempo um pouco adiante cai uma flor que já foi cheia de graça, cai um fruto que já passou do tempo. Caem muitos. Mas será esta queda negativa? Sempre achei que sim. Aquilo que cai... já era. Como pude? A partir da queda, subimos novamente. Muitas coisas estão muito perto do seu "oposto", como a cobra que morde o próprio rabo.

Em um bosque de eucaliptos, suas folhas cobrem o chão, todas da mesma cor, apagadas, homogêneas e dividem o espaço com as cascas que vão se soltando dos troncos e com o mato. Ao mesmo tempo em que isso tudo é melancolia... é também mudança e renovação.

*The Loving Dexterity*

*The flower*

*fallen*

*she saw it*

*where*

*it lay*

*a pink petal*

*intact*

*deftly*

*place it*

*on*

*it's stem*

*again*

**W. Carlos William<sup>21</sup>**

Há alguns meses eu estava viajando para outra cidade e da estrada vi um bosque de eucaliptos, algo muito comum de se ver, os eucaliptos em beira de estrada (e em muitos

---

<sup>21</sup> WILLIAMS, Carlos Williams. *Pictures from Brueghel and othe poems*. A New Directions Paperbook.

outros lugares) são plantados e replantados para o uso humano. O sol estava se pondo e ventava. Aquela floresta de eucaliptos mostrou-me uma única pequena folha girando ao vento, tentando ficar no ar enquanto fosse permitido ficar, só e com muita simplicidade. Essa imagem tem ressoado em minha lembrança por muito tempo. A impressão que tive foi que aquela folha caiu pra mim. Aquela folha de eucalipto era o Tempo.

O roteiro em anexo foi desenvolvido a partir dessas imagens e por ser muito simples (e a simplicidade tem uma força extraordinária) pude transportá-lo pelo abismo que separa a intenção da prática, ao contrário de outras passagens que estão no decorrer do texto. Mesmo sentindo a infelicidade de não poder ver realizado tudo o que gostaria, tenho imenso orgulho deste trecho menor de vídeo, porque minha alma está nele, inteiramente.

Esta história que estou mostrando a vocês não tem as mesmas imagens do conto, do quarto da moça, do cabaré, do cinema e da família do rapaz. Mas trata-se de lembrança, de solidão - que são os sentimentos que se manifestaram em mim a partir da história de Urbano Tavares Rodrigues.

Espero que o vídeo tenha sido assistido antes da leitura deste texto, porque como qualquer pessoa que trabalha com imagem (creio eu), gostaria que ela trouxesse consigo os sentimentos, gostaria que ela fosse plena em sua força. Como disse no início, este texto é um *complemento* aos trechos filmados que apresento. Tenho a esperança que eles sejam auto-suficientes.

Diferente do primeiro vídeo e do que escrevi especificamente sobre ele, creio que agora, posso dizer mais a respeito da minha intenção, do que estou buscando. Mas só posso fazê-lo por causa de tudo o que está aqui neste texto, por causa de tudo o que senti, passei e escrevi. Devido a essa experiência anterior que foi muito válida e muito preciosa para minha formação. E claro, por causa do conto de Urbano Tavares Rodrigues, e de tudo o que esta história me fez pensar...refletir.



22

*Andando pelo bosque, "porque simplesmente caminhava, cego de caminhos" ele vê aquela folha no chão. Ele se abaixa e a pega... Aquela folha, diferente de todas as outras, o faz lembrar-se dela... a mesma folha, ele deixa cair quando o trovão o traz de volta da lembrança e a solidão, do bosque, do homem nos toca por um instante....*

---

<sup>22</sup> Título: Manuela- Still do vídeo: Folhas de árvore contra o céu

A folha vermelha traz à tona, algo precioso, que ele toca e acaricia enquanto essa lembrança mexe em sua mente. Neste trecho trabalho com a lembrança de forma mais consciente (respeitando mais o inconsciente). Quero dizer que refleti mais sobre como seria sua melhor forma dentro daquilo que me é permitido fazer. Uma frase de Gaston Bachelard, que eu colocarei aqui em forma de citação, pois não existe outra maneira; é perfeita no sentido que quero apontar: Não há intimidade verdadeira que afaste. Todos os espaços de intimidade se caracterizam por uma atração.<sup>23</sup> Pensando a memória como algo íntimo, não creio que fui muito bem sucedida no primeiro vídeo por enquadrar ambos de forma tão distante. O primeiro vídeo inteiro trata-se de uma lembrança, fato acentuado pela narração com uma voz de um homem mais velho. Quando finalmente dei-me conta disso percebi que a melhor forma - e totalmente ao meu alcance - de mostrar uma lembrança é através da proximidade.

---

<sup>23</sup> **BACHELARD, Gaston.** *A Poética do Espaço.* in: Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

A folha vermelha o faz lembrar da boca, e a boca traz consigo os olhos pintados, os cabelos sendo despenteados. O seu sorriso, o seu olhar.



24

O barulho o tira deste lugar e ele afasta-se deixando a folha ir e renovar-se, e decompor-se e ser absorvida pelo solo, transformar-se; mas o bosque que vai absorver esta folha de alguma forma, a terra, estará sempre ali, em algum lugar de sua memória, de sua alma.

---

<sup>24</sup> Título: O Olhar - Still do vídeo: Folhas de árvore contra o céu, com a atriz Beatriz Frade





25

---

<sup>25</sup> Título: A Escada: Imagem de minha autoria. grafite e carvão. 13 de maio de 2002.

Estou agora alcançando o fim de meus registros e relendo-os vejo que realmente estão muito perto de um diário ou um caderno de campo. As impressões que eu tive, as associações que fiz e o que senti nunca poderão ser repetidos da mesma maneira. Creio que nos transformamos todos os dias e conseqüentemente...

*"O senhor ... mire e veja: o mais importante e bonito do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas - mas que elas vão sempre mudando. Afinam e desafinam. Verdade maior. É o que a vida me ensinou. Isso que me alegra, montão."*

**G. Rosa (1956)<sup>26</sup>**

O que escrevi, foi. Já não pode mais ser, só posso ir para diante.

---

<sup>26</sup> ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1984 20 edição.

Mas existem pensamentos por trás do pensamento. Como se fossem coisas que existissem antes, muito antes.

Esses pensamentos eu encontro e reencontro em muitas obras diferentes, falados por pessoas diferentes em diferentes lugares do mundo. O que falo aqui já foi dito muitas e muitas vezes por pessoas muito simples (e a simplicidade tem uma força extraordinária), filósofos, teóricos, escritores, diretores, atores.....

Então, estou escrevendo também, da minha maneira, porque agora acredito, tendo sentido, que estamos solitários na criação, mas juntos, porque acreditamos - acho que posso dizer no sentido religioso - em algo semelhante, caminhando (se o que falo fosse um caminho) na mesma direção, na mesma estrada, na mesma jornada.

Falo de uma crença - a arte.

Eu acredito na arte como uma forma de ordenação do mundo. Creio que a ciência e a religião também agem com o mesmo intuito... mas eu acredito na arte. Qual é o sentido de nossas vidas, o significado da existência, onde está e para que existe aquilo que toca o coração de todos? A arte

só existe em relação ao outro e assim, sua grande função é de comunicação, de unir as pessoas, de comunhão, de falar um ao outro sobre si próprios.

Todo singular só existe em relação a outro singular, e, sendo tocados através do "objeto" arte como um instrumento musical (seu coração é um alaúde suspenso... tão logo tocado, ressoa<sup>27</sup>), encontram um lugar, que não podemos ver, apenas sentir, onde não estão sós. A arte aproxima as pessoas, ainda que não fisicamente, ainda que a imagem e o sentimento repercutidos não sejam alegres e felizes... ainda assim. Pois mesmo o mais cético dos homens, que nunca acreditaria em Deus pode ser tocado por uma obra de arte, da mesma maneira a pessoa mais simples, que não possui conhecimentos científicos. A arte tem o potencial de atingir a todos sem distinção e pré-requisitos, pois está em algum lugar situado muito antes da lógica e da percepção, a arte está ligada à intuição. É esta intuição do artista que produz imagens. Poderíamos discutir aqui, a respeito desta palavra, seus significados,

---

<sup>27</sup> De Béranger citado por Clarice Lispector *in*: Contos de Edgar Alan Poe, tradução.

as conseqüências de usá-la, como fizeram tantos filósofos e teóricos. Talvez algumas pessoas sintam falta deste tipo de discussão teórica neste texto. Mas como disse antes, este não é um texto teórico, não é um texto filosófico, é um texto caótico, com imagens e sentimentos despertados. Não é o que busco teorizar, não, mas ficaria contente se de meus pensamentos caóticos, com minhas palavras surgissem idéias significativas neste sentido. Em relação às críticas que irei receber, não tenho dúvidas. Muitas pessoas sentem-se incomodadas com um texto deste tipo: "Afim de contas, você não está fazendo Mestrado em Múltiplos?" Como se neste texto eu estivesse negando meu vínculo acadêmico. Espero ter me explicado bem, não estou me colocando fora deste vínculo, não estou a partir do meu texto, pedindo que não me cobrem do "mundo acadêmico". O que eu disse no início e estou repetindo agora, está relacionado ao respeito, ou a falta dele (talvez por causa do medo?), àquilo que tenta ser original ao invés de repetir através de citações algo que já foi dito, ao invés de compilar idéias em 100 páginas de dissertação. O que eu gostaria respeitado, estando em um Instituto de Artes, é meu produto

artístico mais que um texto teórico onde tentaria explicar através de pensamentos de outras pessoas aquilo que vivi. Este texto pode ser considerado como uma "egotrip" por muitas pessoas, porque estou falando de sentimentos e imagens pessoais. Mais uma vez repito o que já foi dito: esta dissertação foi escrita de modo a desenvolver e ao mesmo tempo registrar o processo de criação artística. O que está escrito aqui é esse registro e nele, acredito, estão contidas as teorias que foram absorvidas por mim, que como obras artísticas ressoaram em mim. Essa é a parte de minha pesquisa com que me preocupo menos, e também a parte em que percebo a coragem que tive de me expor completamente e sinceramente. Ninguém pode me dizer que estou equivocada nas palavras, imagens e poesias que escrevi sobre estes sentimentos, ninguém pode me dizer que as imagens não correspondem à obra porque são singulares e subjetivas e, portanto... irrefutáveis. Muitas coisas que escrevi aqui só interessaram a mim e a mais ninguém e, no entanto dividi com as pessoas, pessoas sem rostos. O que gostaria de deixar claro é que tudo o que escrevi subjetivamente e singularmente nestas páginas foi vital para o processo de

criação artística e por isso está exposto, mas assim como muitas pessoas fazem por aí eu poderia ter omitido toda esta parte, e ter feito uma dissertação totalmente teórica que passasse longe daquilo que acredito ser relevante. Então não estaria fazendo algo grandioso. Algo que eu nunca soube explicar, mas agora sei. Algo que nada mais nada menos se trata da ligação entre pensamento e prática, intenção e produto, vontade e satisfação.

Intuição, intuição, intuição....

A intuição é uma palavra de difícil explicação. E eu, que tenho tantas dificuldades em colocar as coisas em palavras, peno tentando explicar o que acredito ser, acredito sentir intuição (a intuição mais que palavra, deve ser sentida). Mas a palavra intuição tem muitas funções. Uma delas é a de tentar dizer aos críticos, por exemplo, que não há muito sentido em buscar estabelecer uma relação direta entre a vida e acontecimentos sociais de um autor e sua obra. Claro que o que se passou, o que se sentiu manifesta-se naquilo que foi criado, mas não pode se dizer que um é causa e o outro efeito. Por mais absurdo que pareça, pessoas fazem isso. Eu já assisti aulas sobre

poesia em que o professor ficava o tempo todo explicando a vida do autor e nunca uma só poesia foi lida e sentida. Eu já vi professores ensinando alunos a serem críticos literários. É neste sentido que estou falando. A obra não pode ser reduzida à vida do autor. Se existe alguém que possa fazer isso, só pode ser aquele que criou e mais ninguém. Além disso, muitas vezes não é possível saber de onde surgiram as coisas que foram criadas. As situações por que passei, as coisas que senti influenciam minha criação, mas quando olho à minha volta e vejo uma flor caindo de uma árvore, e esta imagem toca-me, quando crio uma imagem que nunca vi, que nunca antes imaginei, o que seria?

Esta palavra também tem a função de tentar dizer que a arte, sendo intuição<sup>28</sup>, não pode ser utilitária, pois simplesmente é. Trata-se de contemplação e, portanto não está ligada moralmente a nada, não é boa nem ruim, nem politicamente correta ou incorreta. Creio que desta forma, a arte nos ajuda a ordenar o mundo. O mundo não é justo, nem bom, nem ruim, palavras como "política" não existem, pois foram inventadas por nós. A arte está ligada à nossa essência e não às nossas invenções, palavras ou objetos,

ainda que os usemos para transformar este impulso em algo concreto, são simplesmente aparelhos, instrumentos.

O fato de estar realizando uma prática que tenha tantos pensamentos técnicos e considerações de possibilidades para transformar em imagens aquilo que se imaginou a partir de uma obra artística de outra pessoa, pode levar muitos a pensarem que nossa prática não trata de criação artística e que se afastou da intuição. Mesmo eu, antes, achava que criação artística era sinônimo de algo forte e rápido como um raio, que vinha das nuvens e no rápido e poderoso clarão te "obrigava". Algo que saía de quem quer que estivesse criando, com fúria, como uma possessão. Hoje eu sei que o processo de criação artística pode ser algo lento e sutil. Não deixa de nos dominar, mas mostra-se diferentemente - não como um raio, mas como flores caindo de árvores, decompondo-se, e, tornadas húmus, subindo de novo aos galhos mais altos em forma de alimento. Algo lento, que muitas vezes só vamos entender depois.

Assim tem sido para mim.

Creio que posso dizer que concordo com o autor Ehrenzweig neste sentido, embora usemos formas bem

---

<sup>28</sup> pensamento relacionado ao autor Benedetto Croce.

diferentes de dizer: "Mostrarei que a complexidade de uma busca criadora, que tenha que explorar um sem-número de caminhos, necessita de um avanço numa frente mais ampla que deixe em aberto as opções contraditórias. Na solução de propósitos complexos a não-diferenciação da visão inconsciente se transforma em um instrumento de rigorosa precisão e leva a resultados que são plenamente aceitáveis pela racionalidade consciente. Está claro que nas doenças mentais o material não-diferenciado desperta do inconsciente apenas para perturbar os modos de pensamento discursivo consciente que estejam mais nitidamente focalizados; acontece então que o caos e a destruição que estamos acostumados a associar às fantasias dos processos primários não-diferenciados passam a dominar a razão do paciente. Em contraste com a doença, o trabalho criador consegue coordenar os resultados entre a indiferenciação inconsciente e a indiferenciação consciente e assim deixa a descoberto a ordem oculta do inconsciente."<sup>29</sup>

O que surge a partir do que ele chama de não-diferenciação inconsciente, ou seja, a não distinção entre

---

<sup>29</sup> **EHRENZWEIG, Anton.** *Do Caos à Ordem in: A Ordem Oculta da Arte.* Rio de Janeiro: Zahar ed., 1969. pg 20.

opostos, a articulação do tempo e espaço de uma outra maneira qualquer, os limites transformados em formas livres e caóticas, revela-se ao consciente e assim estrutura-se a criação. Esta pulsão pode ocorrer em várias intensidades, pode ser sutil, agressiva ou entorpecente, a ponto de ser chamada de doença.

Como disse no início, tive muitas dificuldades em considerar-me e mesmo assumir-me como artista, talvez por pensar nesse tipo de possessão, algo divino. Mas agora entendo que todos os dias que passo sentindo algo estranho que eu não sei o que é e só sossega quando consigo produzir algo, mesmo que seja uma única vontade - a vontade de fazer algo grandioso às vezes, de tocar meu violão outras, de fazer um desenho ou de escrever uma frase - são dias em que estou perto de florir de novo, e transformar-me. Muitas vezes sufoquei esta sensação soterrando-a embaixo de entulhos feitos de falsas alegrias e êxtases. Muitas vezes a tenho soterrado querendo fazer algo que não está ao meu alcance... por enquanto. De hoje em diante firmo um acordo comigo mesma: hei de fazer de tudo para alcançar o mais longe possível e desta forma, ir fundo nesta sensação que

vem de algum lugar perto da boca do estômago, sem limites, como uma possessão - algo divino. Minha obrigação é cuidar para que haja espaço e ambiente para que as flores desabrochem de forma mais plena.

Tantas preocupações me causam os livros de filósofos e teóricos e mesmo grandes diretores como Tarkowski e Peter Brook. Muitas vezes, muitas passagens destes livros, falam sobre os "artistas menores" como é comum de se dizer sobre pessoas que se consideram artistas, mas não chegam a ser, por estarem sempre tratando de seu próprio umbigo, suas particularidades e a sociedade de seu tempo e não de assuntos que são individuais e universais ao mesmo tempo. Isso me preocupa demais. Faria eu parte deste grupo? Grande parte deste texto trata de imagens de minha vida, sentimentos meus em relação às coisas. Enquanto o escrevi senti-me voltada para mim mesma. Mas então, lembro-me de Bergman, o grande diretor. Ele trabalha no mesmo sentido, a partir de sentimentos individuais e passagens de sua vida. Sinto esta preocupação, pois se trata de um caminho novo, um mergulho profundo...e o desejo de ser sempre o máximo possível. Ao mesmo tempo pergunto-me: escolhe-se ser um

artista? É possível esta escolha? Creio que a intuição, o talento seja necessário... mas não podem ser escolhidos por nós, ao contrário, somos escolhidos por eles. E assim, novamente pergunto-me: poderia ser de outra forma? Talvez eu não tenha escolhido este caminho, talvez ele estivesse sob meus pés todo o tempo...e ao tentar olhar o futuro, o caminho da estrada, vejo uma curva logo em frente, e eu não sei para onde estou indo.... mas estou indo, sempre um pé atrás do outro, às vezes correndo, às vezes andando muito devagar....e é isso que importa.

Esta preocupação leva-me a dialogar com estes autores quando leio seus escritos. Escrevo cartas para eles, reajo. Quando Tarkowski escreveu sobre a sinceridade em dizer porque se optou por cinema e não por qualquer outra forma de arte e a obrigação de saber o que se pretende com esta opção, escrevi: Acima de tudo, com muita sinceridade, não sei o que me levou a optar pela imagem em movimento. Não consigo traduzir em palavras. Quando penso nisso, a sensação mais palpável que tenho surge entre a boca do estômago e o coração, mas não existe uma palavra, um motivo, um "o que". Sei que está relacionado ao

movimento, ao olhar e não com regras pré-determinadas, luzes de espetáculo... sempre fico confusa quando tento explicar e desisto. Ainda não sei se esta escolha é certa e não há como saber sobre isso, assim como é necessário viver absolutamente todas as ocasiões para chegarmos à alguma conclusão, mas tenho fé. Não sei dizer em palavras o que levou-me a optar pelo cinema e não por qualquer outra forma de arte e o que pretendo dizer através da poética do cinema. Estará dentro de mim?<sup>30</sup>

Folheando as páginas do livro de Peter Brook, *O Teatro e seu Espaço*, encontrei, ao final do capítulo 1- *O Teatro Morto* um tipo de bilhete que escrevi quando li esta obra. Ele falava também sobre sinceridade, sobre o que fazemos em relação aos outros e em relação a nós mesmos. Falava da busca do ator, do diretor de teatro em relação àquilo que é a essência do que se quer representar e não em relação ao que se está acostumado a ver, por exemplo, quando se encena uma peça de Shakespeare: "O problema do teatro <<Morto>> é como o problema do chato mortal. Cada chato tem cabeça, coração, braços, pernas; geralmente tem

---

<sup>30</sup> escrito em 14.02.02 a partir de Tarkowski - *Esculpir o Tempo* pg 134-148.

família e amigos: e chegam mesmo a ter admiradores. Entretanto suspiramos quando o encontramos - e nesse suspiro estamos lamentando que, de alguma maneira, ele está no fundo ao invés de estar no auge de suas possibilidades. Quando dizemos <<morto>>, nunca queremos dizer realmente morto: queremos dizer algo deprimente e ativo ao mesmo tempo, mas exatamente por que em atividade é capaz de mudança. O primeiro passo em direção a esta mudança é encarar o fato simples e pouco atraente de que grande parte do que é chamado teatro em qualquer lugar do mundo é um travesti de uma palavra que já foi cheia de sentido."<sup>31</sup>

Eu escrevi o que senti depois de lê-lo: Estende-se também à vida em geral, à vida de cada um, à vida não representada. Não? Quão sinceros somos nós, com nós mesmos? Quanto de nós é nosso e quanto é inventado, adaptado para o mundo, para as pessoas? O quanto é uma mistura? Não só o ator necessita da busca incessante do seu "eu" em relação a cada coisa, a cada papel para poder ser magnífico. Não só o autor ou o diretor, nem o crítico, mas cada pessoa deste mundo. A coisa mais fácil é esquecer essa busca, a eterna

---

<sup>31</sup> **BROOK, Peter.** *O Teatro e seu Espaço.* Trad. Oscar Araripe e Tessy Calado. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1970. pg:1-38.

consciência de que não existe uma maneira certa, uma única maneira, ou pensamento, ou condição ou postura pré-moldada ali pronta para ser usada. Parece fácil ser um morto-vivo, aparentemente vivo, mas oco, seco, morto. O próprio mundo indica-nos este caminho a toda hora, direcionando-nos a sufocar, apagar, e diminuir de todas as formas nossa sinceridade. Olhemos para nós mesmos e tentemos perceber até onde vai o nosso eu e nosso eu social...persona<sup>32</sup>. Minha visão é aterrorizante. Não tenho a mínima idéia de quem sou. Não conheço a mim mesma. E então percebo que aterrorizante é o ato de olhar para si mesmo porque não estamos acostumados, estamos sempre voltados para o exterior. Para mim, a ignorância relaciona-se com a felicidade. Por isso, é sempre mais fácil.<sup>33</sup>

Percebo então que não tenho que estar tão preocupada estou no rumo certo, se é que tal rumo existe. Se é que certo existe. Apesar de pensar em temas tristes e

---

<sup>32</sup> **Persona** é a máscara usada pelo ator no Teatro Grego, este mesmo nome foi utilizado por Jung para designar a máscara social. O papel que as pessoas desempenham em relação à sociedade. Muitas vezes, este papel social passa a dominar a personalidade da pessoa em detrimento ao seu verdadeiro "eu". Um bom exemplo se dá no poema Tabacaria de Álvaro de Campos, heterônimo de Fernando Pessoa onde ele fala sobre a máscara que viu no espelho, que não era seu rosto, e na tentativa de tira-la percebeu que estava grudada, colada.

<sup>33</sup> escrito a partir de *O Teatro e seu Espaço* de Peter Brook em 09 /03de 2002

melancólicos, minha intenção é para o bem, para a sinceridade e creio que já é um grande passo. Estou caminhando com estes autores, junto com eles, em um lugar que não existe fisicamente, nem temporalmente. Mas neste lugar único, neste domínio, quando olho para o lado vejo-os um a um, cada um é singular, cada um caminha de um jeito diferente em ritmos diferentes, mas lado a lado. E no fundo no fundo, não há o que temer ou com que se preocupar, apesar de não ser fácil, deixar-se levar é que é vital.

A grande dificuldade existente ao falar-se de arte, a grande dificuldade em defini-la, em delimitar-lhe fronteiras, em estabelecer quem está dentro e quem está fora dela, dá-se por um motivo bem simples:

a arte deve ser sentida.

Não existe outra forma de estar perto dela. Sendo intuição, está longe de estar ligada de alguma forma a um pensamento conceitual.

Mais uma vez digo, deve ser sentida.

E mesmo a sensação, mesmo esta, que está dentro de cada um de nós é de difícil definição. É algo como o vento, talvez, algo como as nuvens. Podemos ver suas mil

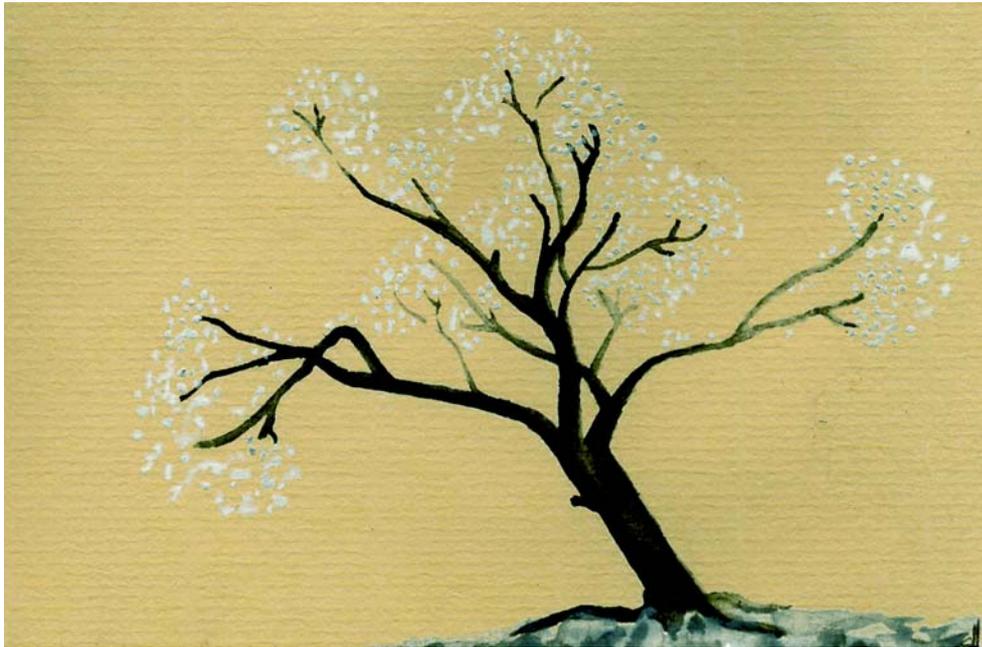
formas e sentir sua força e suavidade, sua brancura e escuridão, as cores refletidas de nós mesmos.

A Arte deve ser Sentida.

*"Para que referir tudo no narrar, por menos e menor? Aquele encontro nosso se deu sem o razoável comum, sobrefalseado, como do que só em jornal e livro é que se lê. Mesmo o que estou contando, depois é que eu pude reunir, lembrado e verdadeiramente entendido - porque quando coisa assim se ata, a gente sente mais é o que o corpo a próprio é: coração bem batendo. Do que o que: o real roda e põe diante: - "Essas são as horas da gente. As outras, de todo o tempo, são as horas de todos" - me explicou compadre meu Quelemém. Que fosse como sendo trivial do viver feito uma água, dentro dela se esteja e que tudo ajunta e amortece - só rara vez se consegue subir com a cabeça fora dela, feito um milagre: peixinho pediu. Por que? Diz-que-direi ao senhor o que nem tanto é sabido: sempre que se começa a ter amor a alguém, no ramerrão, o amor pega e cresce é porque, de certo jeito, a gente quer que isso seja, e vai, na idéia, querendo e ajudando; mas, quando é destino dado, maior que o miúdo, a gente ama inteiriço fatal, carecendo de querer, e é um*

*só facear com as surpresas. Amor desse, cresce primeiro; brota é depois. Muito falo, sei; caceteio. Mas porém é preciso."*

*G. Rosa (1956)*<sup>34</sup>



35

---

<sup>34</sup> ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1984 20 edição. Pgl29-130.

<sup>35</sup> Título: Ypê Branco - imagem de minha autoria. Aquarela. junho de 2002.



## **Bibliografia**

O que vem a seguir chamarei de "espécie" de bibliografia. O motivo de chamar desta forma se dá devido ao fato de que eu acredito que todos estes textos e livros que li estão contidos nesta dissertação de uma forma um pouco diferente (ou na verdade mais comum do que as pessoas costumam normalmente aceitar), sem "usá-los" em citações e enquadramentos, mas incorporados, absorvidos em minha forma de pensar, tratar e raciocinar sobre o que escrevo.

**ARISTÓTELES, HORÁCIO, LONGINO.** *A Poética Clássica.* São Paulo: Editora Cultrix, 1997.

**BACHELARD, Gaston.** *A Poética do Espaço.in: Os Pensadores.* São Paulo: Abril Cultural, 1978.

**BAZIN, André.** *O Cinema- ensaios.* São Paulo: Ed. Brasiliense, 1991.

**BERGMAN, Ingmar .** *Imagens.* São Paulo: Martins Fontes, 1996.

**BROOK, Peter.** *O Teatro e seu Espaço.* Trad. Oscar Araripe e Tessy Calado. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1970.

**CAMPOS, Haroldo de (org).** *Ideograma: Lógica, Poesia, Linguagem.* São Paulo: Cultrix e Editora da Universidade de São Paulo, 1977.

**CROCCE, Benedetto.** *Breviário de Estética.* São Paulo: Editora Ática, 1997.

**DURAS, Marguerite.** *O Caminhão.* Rio de Janeiro: Record, 1977.

**EHRENZWEIG, Anton.** *Do Caos à Ordem in: A Ordem Oculta da Arte.*

**ECO, Humberto.** *Os Limites da Interpretação.* São Paulo: Editora àtica, 1997.

\_\_\_\_\_. *Interpretação e Superinterpretação.* São Paulo: Martins Fontes, 1993.

\_\_\_\_\_. *Obra Aberta: forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas.* São Paulo: Perspectiva, 1969.

**FELDMAN-BIANCO, Bela.** " *Multiple Layers of Time and Space: The Construction of Class, Ethnicity, and Nationalism among Portuguese Immigrants*" in Glick Schiller et al., *Towards a Transnational Perspective on Migration: Race, Class, Ethnicity, and Nationalism Reconsidered.* New York: New York Academy of Sciences, vol 645, 1992.

\_\_\_\_\_ " (Re)construindo a Saudade portuguesa em vídeo: Histórias orais, artefactos visuais e a tradução de códigos culturais na pesquisa etnográfica" in *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n 45, 1996.

\_\_\_\_\_ *Saudade.* vídeo etnográfico, 58'. CES/UC.

**ISER, Wolfgang.** *O Ato da Leitura: Uma teoria do efeito Estético. Vol 1 e Vol 2.* Trad. Johannes Ktetschmer. São Paulo: Editora 34, 1996.

**JUNG, Carl.G..** *O Espírito na Arte e na Ciência.* Petrópolis: Vozes, 1991.

\_\_\_\_\_. *O Homem e Seus Símbolos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964.

**LISPECTOR, Clarice.** *Água Viva*. São Paulo: Círculo do Livro, 1973.

**MUTARELLI, Lourenço.** *Como Transformar uma idéia em um roteiro de História em Quadrinhos*. (no prelo)

**ONG, Walter.** *Oralidade e Cultura Escrita: A Tecnologização da Palavra*. Trad. Enid Abreu Dobránszky. Campinas: Papirus Editora, 1998.

**PROPP, Vladimir.** *Morfologia do Conto*. Lisboa: Vega- Universidade, 1978.

**RODRIGUES, Urbano Tavares.** *Viamorolência: Novelas e Contos*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1987.

**SAVARY, Olga.** Tradução de *Haikais de Bashô*. São Paulo, Hucitec, 1989

**SILVEIRA, Nise da.** *Jung, Vida e Obra*. Rio de Janeiro: José Álvaro/ Paz e Terra, 1976.

**TARKOVSKI, Andrei.** *Esculpir o Tempo*. Trad. Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1998.



# *As Horas Magnificadas*

Urbano Tavares Rodrigues

in: RODRIGUES, Urbano Tavares. *VIAMOROLÊNCIA*:

*Novelas e Contos*. 2 ed. Publicações Europa-América, 1987.

1

Levou-as o nevoeiro, as tuas palavras tristes, que eu talvez não tenha sabido entender. Eram folhas da noite morta. No fim da treva, quando os troncos das árvores já se tingem de lilás, reencontro as tuas palavras - desalento, que eram praticamente lágrimas, quase só lágrimas, flores de água abandonadas.

2

A tua rua! O luar roxo nas paredes brancas! A lanterna da esquina! Ardia um cigarro insólito na tua boca infantil. Apagavam-se os seres da noite. Fechávamos a porta à chave. Esquecia-me de mim naquelas noites morrinhentas. O teu rosto mimoso, e já cansado, as tuas mãos suaves nos meus cabelos!... Gostávamos tanto de ouvir a chuva no intervalo dos nossos abraços! E a tua delicadeza de virgem ao

1

Manuela explicou por que razão me fizera esperar duas horas. Ouvia-a, inquieto, supliciado. Tive ganas de a esbofetear, mas não cheguei a fazê-lo. Depois até lhe pedi desculpa por esse refreado assomo de violência. Ela chorou. Beijámo-nos, em pleno Terreiro do Paço, às duas da manhã, sob as arcadas. Um sujeito, que passava, de olhar torvo, gritou: “Vão para um quarto! Não podem fazer isso noutro lado?! Tenham vergonha!”

2

Ouço a dona da pensão dizer-lhe: “Para que é que te serve esse pindérico? Vê se arranjas alguém, está certo, mas então um homem a sério, para te arrumares de vez.”

De noite, acontece Manuela afligir-me - nas minhas horas de esgotamento. Na sua boca ávida, a língua é um lagarto.

Digo-lhe que a adoro. Talvez seja verdade. Mas também me apetece insultá-la - quando a sinto tão animal, suando, torcendo-

dizeres-me: “Não tenho afinal mais ninguém: só tu, nada mais conta.” Estrelinha de festa de carnaval, escarnecida, pisada - e eu sentia-te tão pura: só eu te via chorar!

O resto...

Não esqueças nunca, Manuela, onde quer que estejas, se ainda vives, o fim das nossas noites: a frescura dos últimos beijos, as minhas mãos, tornadas luz, nos teus seios.

### 3

Espreitávamos a madrugada pela frincha da janela. Éramos felizes, tão felizes!... Bebia-te as lágrimas. Sem exagero; bebia-te as lágrimas! Tínhamos cada um de nós, no peito, um relógio que batia as badaladas da paixão. Não de hora a hora: quando a seiva sobe pelos caules, dir-se-ia que a pressentíamos, e o amor despertava, magicamente, na engrenagem dos nossos

se, rolando para um abismo. E é quando mais a desejo. A cama, porém, range tanto que, às vezes, me inibe. Fico transido, imaginando que toda a pensão escuta este ruído de cavalgada infrene.

- Eh pá - diz ela- passa-me a toalhinha. Então não vês? , está aí na mesa- de-cabeceira.

Mas logo sorri a desculpar-se da impaciência. Imagina que eu sou de vidro, porque ando a estudar, porque nunca tive amantes, quase não conheci mulheres antes dela.

### 3

O quarto é sórdido. O que nele detesto, sobretudo, é o gargarejo horrendo das torneiras, e a gota que pinga, eternamente, a horas mortas. Os monstros marinhos que se desenham no papel das paredes, manchadas pela humidade ... E também a colecção de retratos dos teus artistas preferidos: o Clark Gable, o Franchot Tone, o Tyrone Power... Já discutimos a esse respeito.

nervos. Os teus seios sempre erectos entre os nossos espasmos. Os longos pêlos vegetais da tua axila, o teu suor selvagem! E, às vezes, sobre nós, Manuela, aquele silêncio irreal, as nossas vozes eram, lembraste?, de existências anteriores. Lembraste, Manuela, como se nos incendiavam os olhos?!

Sinto ainda na minha mão a tua, entrelaçada; vejo um raio de luar torvelinhando na escuridão, tão delgado e tão longínquo apesar da proximidade. Ah!, fôssemos nós apenas criaturas marinhas, enoveladas para sempre, sem a obrigação das aulas que me esperavam! E de todo o mal que a ti te esperava... Que será feito de ti, Manuela? Recordarás ainda as nossas viagens no impossível ?...

4

Recordo-te na «cervejaria», de dia sempre escura, à noite ruidosa, cheia de

- Não quero saber que seja pires ou que seja de mau gosto. Já sei que sou ignorante, e idiota, e assim mesmo é que quero continuar. Não tive quem me desse instrução. Paciência! O pouco que aprendi...

- Cala-te, Manuela, por favor, cala-te!

- Não gostas de ouvir as verdades. Vives de sonhos, estás sempre no alto de uma escada, como quem quer colher as estrelas, e, um dia, se não te seguram, vens parar cá abaixo.

O que a Manuela desconhece é que as estrelas ferem, mesmo à distância: por isso tenho as mãos todas rasgadas, ávidas, vexadas. É com essas mãos que faço menção de lhe bater e que lhe peço desculpa, como quem reza. Não a levanto até ao meu mundo; aceito o dela; os cobertores rotos desta cama, a sua feroz e doce insubordinação, os seus expedientes vergonhosos (sê-lo-ão?) de corista mal paga e sem um chavo...

4

Quando estavas acompanhada eras diferente. As tuas amigas, vá que ainda me

falácias, de berros, que até deviam estremecer o Monumento. E tu, ali dentro, tão branca, quase lunar, depois de retirares a *maquillage*. O casaco preto fazia-te mais alta. Se te encontrava, depois do espectáculo, no meio de algum grupo de janotas - meninos de *rally* e de caçada às lebres a cavalo -, ou os deixava logo ou (tu, filha das ervas, respeitavas tanto o «conceito» dos ricos!) mandavas-me recado pela Graciette. Um recado de namorada: que esperasse, ali ou no “Lisboa”, por favor. De uma vez, ouvi mesmo ( e todos os outros terão ouvido) a parva da Milu dizer-te, supunha ela que falava a meia voz: “Olha, vem aí o teu rapaz”. E lembro-me de que fugi imediatamente, sem olhar para trás; mergulhei na noite da Avenida, que um nevoeiro de Junho tornava tumular, povoada de monstros, de pecados, de vergonhas – e de triste gente fatigada que recolhia a desoras. Era o tempo em que comíamos violetas, e uma palavra, um gesto, nos feriam. Desde essa noite nunca mais voltei à cervejaria. E foi a partir de então que me ofereceste o teu quarto: “ Quero lá saber dos outros! Que pensem o que quiserem!”

divertiam. Era para mim uma experiência fascinante o ingresso naquele meio ao mesmo tempo apetecido e desdenhado. Mas os moços de lábio impertinente e de carro de *sport* irritavam-me. Estavam sempre à vontade em toda a parte, com toda a gente. Seguros de si. Superiores. E eu não sabia falar com eles. Tinha pudor -confesso-o - de gostar de ler romances e poemas, da minha falta de sentido prático e de adaptação ao mundo. Não lhes conhecia as relações, nem os pensamentos. Entre essa gente, com a qual eu vivia paredes-meias, afinal, desde pequeno, sem a mesma fartura de bens, não conseguia atravessar uma sala sem imaginar todos os olhos cravados em mim. Só muito mais tarde havia de perder aquele ressentimento misto de veneração e desprezo, que me levava a hostilizá-los. Mais tarde havia de descobrir, de repente, como eles eram afinal pobres diabos provincianos, ridículos, empastados de brilhantina e de ideias feitas. Mas nesse tempo tomava-os a sério e creio que eles, já com dinheiro para comprarem quase tudo o que quiserem, e comprando até simulacros de amor, e conseguindo-o até só pela esmola da sua elegante companhia, creio bem que se riam por

Graciette, Dália, Milu, as tuas companheiras preferidas. Bocas grosseiramente pintadas, muito por fora dos lábios, onde o cigarro se entala e de onde pende, achincalhado, achincalhante. Mas nos teus lábios era sempre, quase sempre, brando, só vagamente desdenhoso para os mirones que te espreitavam as coxas (se acaso traçavas a perna) com aquela insolência virilóide que me fazia corar e cerrar os punhos até doerem. E tu, criança grande também, adoravas esses cómicos repontes de mau génio que me levavam a jogar o sisudo com os desconhecidos. Só não os desafiava logo com receio do ridículo. Numa ocasião, porém, machuquei seriamente dois dedos na queixada de um desses senhores (em potência) de todas as mulheres do mundo, a quem a fragilidade ilusória da minha silhueta não inspirou a devida cautela.

eu ser cavaleiro andante de uma corista mais fácil que difícil, a quem diziam palavrões e davam palmadas no rabo.

Destilavam baixeiras, ou gotejavam apenas pequeninas baboseiras alvares, elas e os amigos, os coiós, os borlistas, os *boys* que discutiam com a Dália quem tinha a cintura mais fina, se eles se ela. Baixeiras?.. Só afinal é "baixo", quem conforma e situa os outros abaixo de si. Aliás, quantas vezes, escutando essa obscena prosa de cenógrafos, luminotécnicos, admiradores ou simples "penduras" do teatro, e a linguagem da própria Dália, que não raro os batia aos pontos em verbo vicentino, quantas vezes não pensei se aquela mesma pornografia, a que eu era tão reverso (até quando na maior intimidade Manuela me citava, ternamente, para esse terreno lodoso, tentacular), se essa pornografia não lhes seria afinal tão necessária, e por isso talvez tão legítima, na busca do prazer, como para mim o eram a beleza, a graça, a doçura, o silêncio no amor. Segundo a Graciette, que se

Graciette era quem mais se divertia com os meus contestados, mas explosivos acessos de ciúmes. Se não havia ensaios no teatro, deixavam-se ali ficar horas esquecidas. Quando a cervejaria se esvaziava, pelo meio da tarde, a Dália fazia castelos com as canecas em cima do mármore da mesa e transformava em barrete de cozinheiro um guardanapo, que depois enfiava, rindo, no focinho do rafeiro que nos rondava. A Graciette, em sossego, deixava de ser dengosa e, mais afuihada e macilenta, agora que não se estudava, deitava contas à vida num papel sebento. Inventariava quinquilharias, os gastos que fizera, o dinheiro de que precisava. Amiúde, pensava em voz alta e assim nos comunicava, com uma expressão de encantamento, os seus projectos, em geral desinteressantes. Nós isolávamos-nos. Eu tinha descoberto então o Gerard de Nerval. E suponho que era infeliz. Ou, pelo menos, julgava-me infeliz. E tenho agora desse tempo tão douradas recordações! E tu, Manuela, se ainda algures existe? Graciette, Dália, Milu, sombras perdidas do fim da minha adolescência, da minha inábil e misteriosa mocidade!...

dizia muito observadora, as mulheres altas tinham em princípio mais *chances* de me excitar do que as outras. Tu sabia-lo, Manuela, e até me apoquentavas, por pirraça, com o tamanho da Milu, que, desmiolada ou não, media o seu metro e setenta de carnes enxutas e morenas, com as exactas curvas e contracurvas. E veio a morrer, pobre Milu, no hospital (que cancro social, estes hospitais dos pobres na nossa terra!), não muito depois, escanzelada, escarrando revolta, miraculosa de juventude em fúria. Quando lá fui vê-la, disse apenas: "Tu és dos fixes." Mas os seus olhos mongóis suplicavam: "Vai-te embora deste sítio infame, quero morrer sozinha.". "Uma má doente", ponderou a enfermeira, a quem perguntei pelo estado dela. Não se parecia contigo, Manuela, mas também não era como as outras. Devorava raivosamente a vida, e deitava-lhe a língua de fora: Algumas vezes a achei parva, e chamei-lho. Mas não era: sob a crosta da ignorância, da sua traquinice maliciosa e estonteada, ferviam gritos.

Deixei-a quase a agonizar e fugi, com o rosto húmido de lama e aflição. Mas só dois meses depois, Manuela, aconteceu que uma noite, na tua cama, entre os teus braços, eu a vi

A delicadeza do teu rosto, Manuela, não mentia. Estavas soterrada, no fundo de ti mesma, pela tua educação infraburguesa, mas tinhas sentimentos, ideias, que em certas horas macias me confiavas. Até gostavas do pôr do Sol. E de correr pela praia, à noite, de cabelos ao vento. Nunca "entregarias" essas fraquezas - o teu eu por esgaravatar - aos teus amigos chiques e machões. Sepultavas o melhor de ti, para seres apenas, à vista de todos, a arvéola gentil, que conhecia bem as marcas de automóveis de luxo e dançava o *swing* com estilo.

Contaste-me, alta madrugada, a sorrir (e eu, estátua de vidro, fiquei todo em estilhaços, que sangravam), como um condezinho acéfalo, de bochecha azulada pela espessura da barba, sempre muito escanhoada, troçara de ti: «Então andas com aquele miúdo de cueiros?!» E verdade que eu tinha dezassete anos e tu vinte. E não me

morta. Então solucei sobre o teu pasmo carinhoso, mas levemente enfadado.

Por vezes, Manuela, achava-me junto de ti tão frio de alma como um investigador junto de uma cobaia. Era então que distinguia teu dente de ouro, felizmente pouco visível, junto do siso, e te sentia o cheiro de acre das axilas. Era então que atentava bem na Dália, sempre colada a ti, besuntona, louvaminheira ante as pessoas importantes, os senhores de posição, mas altercando com criados de bar e de restaurante, porque a serviam mal, ou lentamente (alguém teria de a venerar, que diabo!). E como era grave, já gorda, seio de pantera, profissional! Amodorrada na sua beata estupidez ou esvozeante, insuportável, máquina sonora de lugares-comuns. Aturava-lhe às vezes a parlenda, mas nunca lhe dirigi, ao todo, meia dúzia de palavras.

E tudo isso ficava também pegado a ti.

dava conta ainda de que o senhor conde era apenas um papagaio rutilante.

7

Houve alguma coisa de fraterno, Manuela, para lá do desejo, que nos juntou. Pergunto a mim próprio o quê. Nunca leste os livros que eu compro nem te interessam os filmes de que gosto. Talvez a mesma ânsia de ternura. Ou o mesmo resto de infância. Muito aprendi contigo da ginástica dos corpos no amor, mas talvez as nossas recordações inapagáveis (serás capaz de viver ainda momentos como aqueles?) sejam as da luz exilada na tua garganta, no teu ventre magro, quando descansavas sobre o meu peito a cabeça, num jeito de paraíso, quase como irmã, e me confiavas sem dramatismo, a tua vida nua: zangas com os pais, namoros, mentiras, fomes, justas sexuais de interesse e de condescendência, de vaidade, ou mesmo provavelmente de amor (mas o amor não mo confessavas, nem devia nunca ter te falado em tal, para não acordar chagas e esperanças, que já havias calcado e

7

Sucedo interrogar-me sobre se fomos alguma vez totalmente sinceros, desarmados um perante o outro. Mas quem o é?

Não, creio que nunca deixámos, Manuela, de ser egoístas no nosso pobre amor.

Egoístas como toda a gente. Simplesmente, eu nesse tempo cobiçava os frutos absolutos do sol. E atribuía - sem lhe pôr tal rótulo - um sentido místico à satisfação é à glória do orgasmo partilhado. "Será possível, perguntava a mim próprio (Manuela penteando-se a meu lado, os olhos atentos no espelho, um gancho entre os dentes de lobinha), será possível viver para o amor?, para um amor?, ou para muitos amores?, será possível?" Porque alguma coisa teria de encher-me a vida e dar-lhe um sentido. Gostaria de ajudar os outros, de ser útil, de comunicar, de pertencer acaso a um grupo - e com a timidez a fechar-me a garganta ou a fazer-me falar de mais para logo me

recalcado, aos vinte anos).

arreponder, que era eu senão uma espécie de madeiro isolado, batido pela onda, contra as algas, na ressaca?! Tinha perdido Deus e descreia de antemão da comunidade dos homens, embora acudisse, se me solicitavam, a manifestações de jovens em que não conseguia, no entanto, despojar-me totalmente de um cepticismo larvar. Manuela tinha achado piada ao facto de eu haver gritado "Abaixo o nazismo», no Cinema Tivoli à passagem de um documentário alemão. Mas via nisso apenas uma pirueta ousada, como fazer o pino na borda de uma mesa com baixela de prata. E eu sabia que o colega que me incitara, e que fora o primeiro a gritar, ainda estava preso. Movia-me numa floresta de cinzas, onde cada dúvida era ferida negra - e às vezes achava a vida uma trampa. Fazer amor contigo, Manuela, fazemos amor sem palavras, simplesmente, libertava-me do rouco murmurar da consciência.

**8**

Parecias acompanhar-me tão bem, às vezes, Manuela, quando eu deixava pingar mágoas, incertezas, desconfianças de mim,

**8**

O que de mais bem acabado havia no teu corpo eram os joelhos. Se eu fosse fetichista, ter-te-ia provavelmente escolhido

na morna penumbra da tua cama, à tardinha (tinhas os lábios verdes como plantas e todo o teu corpo luzente de suor era um campo de batalha arquejando suavemente); ouvias-me, paciente, talvez com interesse de qualquer modo com atenção, falar-te da morte, do transitório da existência, das minhas dúvidas sobre o mito da personalidade... Não tive sequer pejo de revelar-te que, em casa, por eu ser diferente e procurar-me, me diziam com frequência: «Não tens personalidade.» Aturavas-me discursos descosidos e confusos sobre o sentimento da minha pequenez humana e sobre a paradoxal satisfação, ou secreta superioridade, que daí retirava perante a distração dos que, julgava eu, não imaginavam no curso da existência nem se enfrentavam com o mundo... Ouvias-me, calada, meiga, séria, muito quieta, e, assim, um dia, compenetrei-me - impulsivo - de que te identificavas comigo nesses instantes; e foi então que disse que te amava, por estas mesmas palavras, ridiculamente, enternecidamente. E logo percebi que estava a jogar comigo próprio um jogo perigoso; mas já não podia deter-me.

Porque não me mandaste calar? Tudo

por essa perfeição. Mas nem sequer te escolhi. Deu-se o acaso de fixares o ponto da terceira fila onde, uma noite, também fortuitamente, eu, que não gostava então de revistas, estava sentado numa segurança irónica e contraída.

Depois a banal apresentação, a que um conhecimento protector me arrastou. O Bar do Cristal, o sortilégio fácil da dança, o uísque, o aroma púrpura da madrugada, carícias por entre anedotas, o meu desejo e o meu enervamento, a casa de passe, e a arte com que me evitaste o fracasso. E eis-me a fantasiar-te «branca princesa da desgraça». Não sei que mulher és, Manuela. Depois de ter rolado em tanto abraço, de me haver debatido entre seios e neves, entre chamas e flancos (como eram arredondadas as tuas ancas e cavado o golfo da tua cinta!), ainda hoje, Manuela, não sei se te fiz sofrer, até que ponto era profundo e sincero o teu olhar. Devo trazer comigo da infância uma ferida aberta, interior, que me impede de acreditar totalmente, permanentemente, em mim e no amor que possa inspirar. O inverso da fatuidade: uma desconfiança doentia: E tu rias às vezes com tanta força, apesar da tua palidez, empregavas palavras tão cruas, contraditórias na tua boca de imagem!... No

começou, a partir de então, a deteriorar-se entre nós. Porque consentiste, Manuela, que sonhasse a teu lado com outra vida, ondeoubesses? Que tolas e lindas frases fui buscar, as mesmas, claro, que todos empregam nessas circunstâncias. Deixava-me embalar pelo comovido som da minha própria voz. Por fim, é possível que até estivesse já fora do nosso projecto, Manuela. Eu andava sozinho a valsar com a película iridiscente e etérea que ao teu corpo arrancava. E tu consentias. Estavas, ou parecias estar, à beira do arroio da felicidade. Estarias, Manuela? O que foi entre nós mentira, o que foi verdade? Disseste-me - e com um intervalo de poucas semanas - que eu te tinha "despedaçado o coração". Mas consola-se tão depressa um coração humano...

Brinquei com o fogo, ofereci-to, roubei-to. Cheguei a queimar-te? Não sei: houve uma fracção de segundo em que vi refractado no teu olhar um mar de esperança, uma claridade de meio-dia. A partir daí, retroceder era impossível, e ir mais além, não o desejava eu verdadeiramente. Ter-te-ia causado esses "amargo sofrimento" de que

entanto, tiveste um momento de êxtase quando levei o absurdo ao ponto de prometer-te, ou melhor, de sugerir-te que talvez não fosse inviável vivermos juntos. Dirigia-me, é claro, a um reflexo de mim. A mulher integral que eras, creio bem que me recusei sempre a olhá-la.

Depois da última explicação, em que nada ficou assente, ainda fomos para a cama. Era a nossa única forma de comunicação sem trapaça. Disso tinhas tu a certeza. Descansando, muito apertado contra ti, os lábios esmagados no teu ombro, que devia estar prestes a soluçar, os meus dedos perdidos na relva das tuas virilhas, aguardava. De ti podia vir tudo: um impropério ou a mais incoerente blandícia. Desde que me retirara, eras-me outra vez estranha, já não podia adivinhar-te. Lembrei-me de uns versos do Walt Whitman: *O sexo contém tudo, corpos, almas, / significações, provas, purezas, delicadezas, resultados, promulgações, / cantos, ordens, saúde, orgulho, o mistério da maternidade, o leite seminal, / todas as esperanças, benesses e dons, todas as paixões, amores, belezas, alegrias da terra...*

- Vai-te embora! Não é o que

me deste a culpa - em paga do carinho, da camaradagem que esbanjaste comigo e da ensinância erótica, do sorvo profundo da flor do ventre? Ou ficou-te ao fim e ao cabo- tudo passa, tudo morre -, ficou-te de mim apenas um retrato anedótico de jovem lírico, desastrado, que destrói os seus brinquedos como quase todos os adolescentes?

queres?

Levantei-me, vesti-me. Disse:

- Até amanhã.

Sabendo que não haveria, não podia já entre nós haver repetição. Esperava ouvir-te, à despedida, qualquer coisa como «Vai à...». Ou um grito. Ou lágrimas.

Não. Só chiavam e corriam os ratos no forro da parede. E na tua cara, de súbito, acendeu-se um sorriso, o último. De desafio? , de mágoa? (choro transformado em luz?). Talvez simples reacção nervosa. Um último sorriso sem palavras. Antes de fechar a porta, vi ainda o bigode do Clark Gable, estampado sobre os teus lindos joelhos redondos.

<p><u>Abertura</u></p> <p>Imagens da cidade à noite - chove. Viadutos, faróis de carros e luzes da cidade, marquises, túnel. Nomes dos atores/ etc</p> <p><u>prelúdio</u></p> <p>zoom out. Câmera dentro de um carro (taxi) enquadra além da janela de trás do carro o rosto de um homem mais velho na penumbra. Ele observa o movimento das ruas que passam.</p> <p>O taxi pára devido ao trânsito, o Homem mais velho olha pessoas na calçada.</p> <p>Urbano anda na calçada, chuveira, ele anda levemente cabisbaixo, com as mãos no bolso. O homem do taxi o vê. Urbano passa pelo taxi que está parado e o Homem fica tentando acompanhá-lo com o olhar, o trânsito anda mais um pouco e o</p>	<p>Externa:</p> <p>efeito: Slow sutil.</p> <p>fotografia: cores homogêneas/ imagem esverdeada.</p> <p>nota para edição: fusão leve.</p> <p>essência: Taxi, ator mais velho e chuva, ator jovem. - Cabaré</p>	<p>Música de abertura.</p> <p>Fade in</p> <p>Som de cidade, de chuvisco, trânsito.</p>
---	--	--

<p>carro alcança o rapaz. Urbano olha para cima, para a placa com o nome do cabaré.</p> <p>O Homem do carro o observa. Urbano entra no estabelecimento (imagem se funde com rosto do homem mais velho que vai se apagando).</p> <p>AS HORAS MAGNIFICADAS</p> <p><u>CENA 1</u></p> <p>Quando Urbano abre a porta para o salão a imagem se enche de cor. Ele começa a andar pelo lugar como alguém que vai a pela primeira vez. encontra um lugar para se sentar. Na mão tem enrolada uma revista.</p> <p>Senta-se em uma mesa e observa inseguro o ambiente ao seu redor. Uma mulher dança no palco, ele assiste ao show. Ela olha para ele.</p> <p><u>CENA 2</u></p> <p>Ele observa (refletindo sobre o amor) a mulher que solta seu cabelo (ela está</p>		<p>Som de pessoas conversando.</p> <p>Música de bar.</p> <p>Voz em off</p> <p>Houve alguma coisa de fraterno, para lá do desejo, que</p>
---	--	--

<p>chegando do trabalho) olhando no espelho, grampos na boca. Camera enquadra o reflexo do rosto dele em PP e recua, enquadrando também o reflexo da mulher. Meia luz.</p> <p><u>Cena 3</u></p> <p>Pan geral pelo quarto, mostrando os quadros na parede. O Clark Gable, Tyrone Power e Franchot Tone. Quando a camera passa pelo quadro do Gable, há uma sombra (em cima do quadro) do casal transando que dura até o último quadro e sai. A camera continua a pan descendo para cama desarrumada, roupas jogadas até chegar novamente no casal.</p> <p><u>Cena 4</u></p> <p>Eles estarão deitados no chão, ela no peito dele. A Pan começa pelo rosto dela (rosto de quem acabou de transar, mas ao mesmo tempo triste) Camera a pino girando para a</p>		<p>nos juntou. Pergunto a mim próprio o quê. Nunca leste os livros que eu compro nem te interessam os filmes de que gosto. Talvez a mesma ânsia de ternura. Ou o mesmo resto de infância.</p> <p>Voz em off</p> <p>o amor não mo confessavas, nem devia nunca ter-te falado em tal, para não acordar chagas e esperanças, que já havias calcado e recalçado, aos vinte anos.)</p> <p>Som de chuva</p>
--	--	---

<p>direita lentamente.</p> <p>Camera vai “descendo” pelo corpo do casal até “sair” pelos pés e fazer um travelling até uma vitrola que gira com um disco que acabou, fazendo um barulho repetitivo.</p> <p><u>Cena 6</u></p> <p>PPP das dobras do lençol na cama.</p> <p>Até chegar no casal, que está um de frente para o outro se olhando muito nos olhos.</p> <p><u>Cena 8</u></p> <p>Ele se levanta (está levado pelos pensamentos de amor) e começa a argumentar, a tentar convencê-la de que têm um futuro juntos, ele a ama.</p> <p>Ele corre até ela (que está na cama) e quando ele se aproxima, ela coloca as mãos nos lábios dele (no rosto dela resta uma luz um "arroio de felicidade"). Ele pega as mãos e abaixa. Ela retira as mãos das dele.</p>		<p>Voz em off</p> <p>Ouvias-me, calada, meiga, séria, muito quieta, e, assim, um dia, compenetrei-me – impulsivo – de que te identificarias comigo nesses instantes; e foi então que disse que te amava, por estas mesmas palavras, ridicularmente, enternecidamente. E logo percebi que estava a jogar comigo próprio um jogo perigoso; mas já não podia deter-me.</p> <p>Voz em off</p> <p>Brinquei com fogo, ofereci-to roubei-to. Cheguei a queimar-te? Não sei: houve uma fracção de segundo em que vi refractado no teu olhar um mar de claridade de meio-dia. A partir daí, retroceder era impossível, e ir mais além,</p>
---	--	---

<p><u>Cena 9</u></p> <p>Pan sai da mão dela e sobe até seu rosto. Ela derrama uma lágrima.</p> <p><u>Cena 10</u></p> <p>Cena de "amor". Câmera mostra somente o rosto deles. Separadamente. O rosto dela na luz e o dele na penumbra. Vento. Luz dura</p> <p><u>Cena 11</u></p> <p>Quando acabam ela sai e se encosta na ponta da cama ( camera mostra em PM) com os joelhos contra o peito. Ele está com uma feição de tristeza, seriedade e ela com uma feição também triste, mas que vai se transformando em dor.</p> <p>Ela diz:</p> <p>Ele se levanta ( camera abre para PM e o acompanha) e se veste. Depois vira-se para ela e responde:</p>		<p>não o desejava eu verdadeiramente. Ter-te-ia causado esses “amargo sofrimento” de que me deste a culpa - em paga do carinho, da camaradagem que esbanjaste comigo e da ensinança erótica, do sorvo profundo da flor do ventre? Ou ficou-te ao fim a ao cabo – tudo passa, tudo morre -, ficou-te de mim apenas um retrato anedótico de jovem lírico, desastrado, que destrói os seus brinquedos como quase todos os adolescentes?</p> <p>Vai-te embora! Não é o que queres? (VOZ EM OFF)</p> <p>Até amanhã.(VOZ EM OFF)</p>
---	--	--

<p>Ao invés de sair imediatamente, fica a olhá-la um instante, como se esperasse que ela dissesse algo. Ela continua sentada na mesma posição. No rosto dela pode se ver um latejo de sorriso no rosto dela (o último, de mágoa? De desafio? (choro transformado em luz?). Talvez uma simples reação nervosa. Um último sorriso sem palavras.) Última cena, ela de joelhos contra o peito e acima dela pode-se ver o quadro do Clark Gable (no texto, o Clark Gable está refletindo no joelho dela).</p>		
--	--	--

*As Horas Magnificadas*

Transcrição a partir de trecho do conto de Urbano Tavares Rodrigues



*As Horas Magnificadas*

Transcrição a partir de trecho do conto de Urbano Tavares Rodrigues



36

---

<sup>36</sup> Still do vídeo: *As Horas Magnificadas*, com os atores: Beatriz Frade e Gustavo da Palma.



Trecho experimental: Folhas de árvore contra o céu  
a partir do conto de Urbano Tavares Rodrigues  
As Horas Magnificadas



---

<sup>37</sup> Still do vídeo Folhas de árvore contra o céu. Foto PB por Joana Cunha. Ator Bruno Bernasconi.

Trecho experimental: Folhas de árvore contra o céu  
a partir do conto de Urbano Tavares Rodrigues  
As Horas Magnificadas



38



39

---

<sup>38</sup> Still do vídeo Folhas de árvore contra o céu. Atriz Beatriz Frade.

<sup>39</sup> Still do vídeo folhas de árvore contra o céu. Ator Bruno Bernasconi

Trecho experimental: Folhas de árvore contra o céu  
a partir do conto de Urbano Tavares Rodrigues  
As Horas Magnificadas



40

---

<sup>40</sup> Still do vídeo: *Folhas de árvore contra o céu*. Fotos PB por Joana Cunha  
Na foto: o ator Bruno Bernasconi, o Diretor de Fotografia Guilherme Campos e a  
Diretora Célia Harumi Seki.